

CRÔNICA
CARNAVALESCA
DA HISTÓRIA

Música Popular



Renato Vivacqua

Obras do Autor

- Música Popular Brasileira (Histórias de sua Gente)
Thesaurus Brasília 1984

- Música Popular Brasileira – Cantos e Encantos
João Scortecci Editora – S.P. 1992

**Este livro é canto
Aos meus encantos
Mimi , Tata , Paulo e Dú**

PALAVRAS PRÉ-CARNAVALESCAS

Se realizarmos um inventário da música carnavalesca desde os seus primórdios, observaremos que ela foi um verdadeiro almanaque musicado, um repositório de “**fait-divers**”, retratando com senso crítico apurado e de maneira espirituosa o dia a dia da História. Nenhum acontecimento digno de registro deixou de ser pinçado pelos argutos criadores de nosso cancionário popular: a política, as descobertas da ciência, as modas e modismos, os conflitos mundiais, as vicissitudes sociais, enfim um painel cronológico fotografado pelo talento de nossos compositores. Apesar de fascinante o tema parece, até hoje, não ter sensibilizado os estudiosos da MPB.

Este trabalho pretende resgatar parte deste manancial precioso, sem a veleidade de uma pesquisa definitiva. É apenas uma amostra da crônica carnavalesca como referencial histórico, em estilo leve, sem entediar o leitor, num passeio musical, que acredito dos mais atraentes. Observarão que ao contrário da maioria das obras que abordam o carnaval, que se preocupa em apenas listar os sucessos de cada ano, meu livro as catalogou de acordo com o tema. Algumas poucas vezes depararão onde não consta a data, o autor(es) ou o título. Isso decorre de descaso nas fontes, pois mesmo após rigorosas pesquisas, frustados, percebemos que dados preciosos nos escapam. Minhas desculpas. Outra explicação devida: especialistas consultados – do SAL (Serviço de Apoio Lingüístico da Universidade de Brasília) me orientaram a manter a grafia dos nomes próprios como seus titulares a usavam. Assim Ary Barroso e Walfrido Silva, por exemplo estarão escritos com **Y** e **W**.

O Autor

ÍNDICE

Palavras pré-carnavalescas.

No compasso da política.

Abre alas...eles querem passar.

A ciência em marcha.

Batalhas sem confeti.

Folia na tela.

Final de Baile.

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

Acho que o carnaval acabou. Com o devido respeito e consideração aos entusiastas, os desfiles das Escolas de Samba, verdadeiros shows milionários feitos sob medida para o turismo, não guardam qualquer relação com a espontaneidade da festa de Momo. Belo espetáculo visual, feérica e profusamente coloridos não possuem, contudo, a simplicidade do verdadeiro espírito carnavalesco, participativo e popular. O sambista tem preocupação com o tempo, contagem de pontos, diversos quesitos a serem julgados por uma comissão, por sua vez, eleita pela mídia e, finalmente o compromisso um samba-(marcha?)-enredo do qual ninguém mais se lembra no dia seguinte, com as exceções de praxe. De lembrar o saudoso e ótimo poeta Sérgio Bittencourt: “Meu canto para ser um canto certo/vai ter que nascer liberto e morar no assobio/do alegre e do mais triste/só há canto quando existe muito tempo e muito espaço/prá canção ficar se eu passo/Ah! que bom se eu ouvisse o meu canto por aí...”. Dentro em breve teremos poltronas estofadas nos sambródomos e o povo – origem e objeto de tudo – ficará de fora assistindo pela televisão.

Digo tudo isso porque quando o meu amigo e companheiro de lutas e de letras Renato Vivacqua honrou-me com o pedido para fazer a “Comissão de frente” deste trabalho, pude constatar a crônica carnavalesca vista sob ótica nova, com os “adereços” da História. Dividido em várias e bem organizadas “alas”, vai o nosso autor-mestre-sala fazendo “evoluções” na crônica quotidiana, na gozação sadia, da blague espirituosa, na pesquisa inteligente da harmoniosa “bateria” de tantos autores e poetas que fizeram a música carnavalesca durante tantas décadas. Esta fórmula adotada pelo autor para o “desfile” das canções de Momo não apenas valoriza os “quesitos” como revela o agudo sentido de crítica dos nossos compositores, mestres de capelo e diploma no esgrima que era, outrora, a verve carioca, infelizmente em fase de extinção graças a uma realidade social no mínimo preocupante.

Não fosse por tudo isso, o livro de Renato diverte pela lembrança dos tempos bons do carnaval cujo “Último Clarim” foi “Bandeira branca”. Mostra, por outro lado, que há sempre um ângulo novo a ser explorado nesse imenso e riquíssimo manancial que é a Música Popular Brasileira, bastando que o pesquisador tenha a competência e o amor à pesquisa, que afinal nos move a todos que estamos neste barco, muitas vezes remando contra a correnteza.

É oportuno citar Chico Buarque: “A gente vai contra a corrente/até não poder resistir/na volta do barco é que sente/o quanto deixou de cumprir...”.

Renato Vivacqua incursionou pelo Carnaval – foram outros seus temas nos livros anteriores – e está voltando com o barco... mas não deixou de cumprir!

Lauro Gomes de Araújo

Sou um velho admirador da obra de Renato Vivacqua, cujas pesquisas ajudam a entender melhor a nossa música. Agora ele nos brinda com um verdadeiro achado: a História do país e do seu povo contada pela música popular brasileira num livro que diverte e educa.

O novo trabalho de Renato Vivacqua merece, sem dúvida os maiores elogios. Mas merece, sobretudo, a nossa gratidão.

Sérgio Cabral

NO COMPASSO DA POLÍTICA

A tradição brasileira diz que os requisitos para uma boa convivência são: não discutir futebol, religião e política. Os irreverentes compositores carnavalescos não respeitaram a máxima e sempre colocaram a política em suas agendas, divertindo-se com o tão peculiar comportamento de nossos homens públicos.

Eneida cita em sua “História do Carnaval Carioca” que 1879 o Clube Carnavalesco Democráticos já cantava:

*De manhã sou liberal
Ao meio dia republicano
À tarde conservador
À noite ultramontano.*

No carnaval de 1909 o maestro Costa Júnior lançou, com enorme sucesso, sua composição “No Bico da Chaleira” ou “Pega na Chaleira”, uma gozação nos servis seguidores do prestigiado senador Pinheiro Machado, que viviam pelando os dedos no bico da chaleira de chimarrão, na ânsia de servir o chefe gaúcho: (1)

*Iaiá me deixa subir nesta ladeira
Eu sou do bloco que pega na chaleira.*

Em 1946 a marcha de Roberto Martins e Frazão, “Cordão dos Puxa-saco” mostrava que os untuosos sobreviveram:

*Iaiá me deixa subir nesta ladeira
Eu sou do bloco que pega na chaleira.
Lá vem o cordão dos puxa-saco
Dando viva aos seus maiores
Quem está na frente é passado pra trás
E o cordão dos puxa-saco cada vez aumenta mais.
Vossa Excelência, Vossa Eminência
Quanta reverência nos cordões eleitorais
Mas se o doutor cai do galho e vai ao chão
A turma toda “evolui” de opinião.
E o cordão dos puxa-saco
Cada vez aumenta mais.*

Por volta de 1911/1912, segundo Edigar de Alencar, pelas bandas do Ceará, antecedendo a queda dos Acyolis, espalhou-se a quadrinha musicada:

*Vamos a palácio arrancar à unha
O velho Acyoli e o Carneiro da Cunha.
Viva o Ceará! Viva, viva, viva!*

O marechal Hermes da Fonseca, andava na mira dos críticos, sendo muito combatido. Era farpa de todo lado. A fama de pé-frio ajudava. J. Bulhões não o poupou na polca “Oh Filomena!”

*Óh Filomena
Se eu fosse como tu
Tirava a urucubaca
Da cabeça do Dudu
Já subiu uma macaca
Na careca do Dudu
Por isso o coitadinho
Ele tem urucubaca.*

Dudu era o apelido do marechal. O interessante é que a música foi lançada no carnaval de 1915 quando já havia deixado o governo. Nem assim largaram do seu pé.

Já Wenceslau Brás que o substituiu teve o bloco “Recordações” como seu marqueteiro:

*Vamos, vamos minha gente
Tocar o nosso berimbau
Vamos dar o nosso voto
Ao seu doutor Wenceslau.*

Rui Barbosa foi derrotado em 1919 por Epiácio Pessoa. O notável sambista Sinhô, sabe-se lá porque, resolveu implicar com o já desalentado Rui. Lançou em 1920 o samba “Fala meu louro”, gravado por Francisco Alves, que aliás o fez constrangido. Nas suas memórias comenta: “Não gostei do samba e pensei no meu íntimo que até os grandes talentos tem seus momentos de declínio. Não quis discutir o assunto com Sinhô, pois quem era eu, na época quase um principiante, para criticar uma peça de Sinhô, o maioral dos maiorais”.

*A Bahia não dá mais coco
Pra botar na tapioca
Pra fazer o bom mingau
Pra embrulhar o carioca
Papagaio louro
Do bico dourado
Tu falavas tanto
Qual razão que vives calado.
Não tenhas medo
Coco de respeito
Quem quer se fazer não pode
Quem é bom já nasce feito.*

Epitácio Pessoa fez um governo coerente, mas Donga não parece satisfeito no carnaval de 1921:

*O papel não mais aguenta
A emissão desbarata
Se acaso a bomba arrebenta
Adeus Catete e... mamata.*

Já José Soares Mau se derrete em “O Tio Pita”:

*Pois vim de muito longe
Somente cumprimentá
Sô Pitaço persidente
Nesta grande capitá.
Eu só vim vê o Epita
E somente cumprimentá
Mora no Catete, iaiá
Na capitá.*

No mesmo ano a campanha à sucessão de Epitácio já fervilhava. Debatiam-se Artur Bernardes, ex-presidente de Minas (naquela época os governantes estaduais eram chamados presidentes) e o fluminense (quem nascia no antigo Estado do Rio antes da fusão). Nilo Peçanha, que tinha como companheiro de chapa o baiano J.J. Seabra. A disputa era contundente. Bernardes era apelidado de Rolinha e Seu Mé. Careca (Luiz Nunes Sampaio) e Freire Júnior, este usando o pseudônimo de Canalha das Ruas, desancaram o mineiro na marcha “Ai Seu Mé”.

*Ai Seu Mé, ai Seu Mé, ai, Ai Seu Mé, ai.
Lá no Palácio das Águias, olé
Não há de por o pé.
O Zé-povo quer goiabada campista (2)
Rolinha desista
Abaixa essa crista
Embora se faça uma bernarda a cacete (3)
Não vais ao Catete, não vais ao Catete.
O queijo de Minas está bichado, seu Zé
Não sei porque é. Não sei porque é.
Prefiro bastante apimentado, iaiá
O bom vatapá, o bom vatapá.*

O Palácio das Águias é o Catete. A goiabada de Campos era a mais tradicional, daí a referência elogiosa, enquanto o queijo mineiro era desprestigiado. O vatapá, louvação ao Seabra. Foi um enorme sucesso. Apesar das bordoadas Bernardes venceu, pôs os pés no palácio e pisoteou os desafetos. Freire Jr. que o diga. Empolgado com a repercussão da marcha acabou dando uma entrevista assumindo a autoria dos versos. O Rolinha mandou engaiolá-lo. Sinhô também levou um susto do irritadiço Bernardes. No carnaval de 22 sua marcha “Fala Baixo” foi muito cantada:

*Quero-te ouvir cantar
Vem cá, rolinha, vem cá
Vem pra nos salvar
Vem cá, rolinha, vem cá.*

Mesmo elogiosa, a alusão à rolinha desagradou Bernardes e o sambista teve que desaparecer durante um mês, escondido na casa da mãe, no subúrbio. Eduardo Souto por sua vez espezinha Nilo Peçanha na marcha “Goiabada”, uma réplica a “Seu Mé” de 1923:

*Não há mais goiabada
Que seja boa para se comer
Ficou tão estragada
Que o português já não quer vender.*

Em 1926 elegia-se Washington Luiz. Sá Pereira adulava-o no carnaval de 1927 com “Paulista de Macaé”, trazendo de volta a pisada no palácio:

Paulista de Macaé (4)

*O homem de fato é
E no Palácio das Águias
Com o povo ele pôs o pé.*

Em 1929 a história era outra. Eduardo Souto mete o pau, criticando a nova moeda que se tentava implantar e a plataforma eleitoral “governar é abrir estradas”:

*Ele é paulista? (5)
É sim senhor.
Falsificado?
É sim senhor.
Cabra farrista?
É sim senhor.
Matriculado?
É sim senhor.
Ele é estradeiro?
É sim senhor.
Habilitado?
É sim senhor.
Mas o cruzeiro
É ovo gorado?
É sim senhor.*

O mesmo Eduardo Souto em “Seu Doutor” continua o ataque:

*O pobre povo brasileiro
Não tem, não tem dinheiro
O ouro veio do estrangeiro
Mas ninguém vê o tal cruzeiro.*

Para a eleição de 1930 concorrem Júlio Prestes, apoiado por Washington Luiz e Getúlio Vargas trazendo como vice o paraibano João Pessoa. O prolífico Eduardo Souto transforma o embate sucessório em partida de futebol na composição “É Sopa”, gravada por Francisco Alves, também chamado 17 a 3. Só que desta vez mima Júlio Prestes, aliado de Washington Luiz, antes malhado tanto por ele:

*Pra vencer o combinado brasileiro
De Getulinho
É sopa, é sopa, é sopa.*

*Paraibano com gaúcho e com mineiro
Diz o Julinho
É sopa, é sopa, é sopa.*

Luiz Peixoto e Heckel Tavares surgem no carnaval de 30 com “Harmonia, Harmonia” onde previam a derrota de Getúlio pois eram 17 estados prestistas contra apenas 3 getulistas:

*Eles pensavam que a pimenta não ardia
E que Seu Julinho não se mexia
Mas vendo o Júlio com uma bruta maioria
Getúlio Vargas vez repetia
Harmonia, harmonia
17 contra 3 é covardia
Harmonia, harmonia.*

André Filho, autor de “Cidade Maravilhosa”, getulista, denunciava que não conseguia gravar nada favorável a Getúlio. O governo sempre ganhava as eleições e todos temiam represálias.

Júlio Prestes estava badalado. Em 1929 Freire Jr. vai a São Paulo afagá-lo lançando no Teatro Municipal a marchinha “Seu Julinho Vem”.

*Seu Julinho vem, Seu Julinho vem
Se o mineiro lá de cima descuidar
Seu Julinho vem, Seu Julinho vem
Vem, mas custa, muita gente há de chorar.*

Sinhô, sempre esperto, apareceu por lá levando o samba “Eu Ouço Falar”, dedicado a Oswald de Andrade, onde Jesus virou cabo eleitoral. Os dois últimos versos são um primor de sabujismo.

*Eu ouço falar
Que para o nosso bem
Jesus já designou
Que o seu Julinho é que vem
Deve vir esse caboclo
Pra matar nossa saudade
Para o riso ser leal
No coração da humanidade.*

Luiz Peixoto e Heckel Tavares, no mesmo ano, repetem a dose, infernizando a candidatura de Getúlio com “Comendo Bola”:

*Gaúcho meu irmãozinho
Meu irmãozinho mineiro
Seu Julinho é que vai ser
Porque esse tal de Seu Julinho
É um caboclo brasileiro
Brasileiro como quê.
Getúlio você está comendo bola
Não te mete com Seu Júlio
Que Seu Júlio tem escola.*

Júlio Prestes ganha mas não leva. A Revolução de 30 impediu-lhe a posse, com a deposição de Washington Luiz em outubro.

Em 1931 Lamartine Babo cantava loas à chegada de Getúlio Vargas em “O Barbado foi-se”:

*De sul a norte
Todos viram a intrepidez
De um Brasil heróico e forte
A raiar num dia três
A Paraíba, terra santa, terra boa
Finalmente está vingando
Salve o grande João Pessoa.
Doutor Barbado foi-se embora
Deu o fora...
Não volta mais, não volta mais.*

O grande Lalá não se constrangeu em chamar a Paraíba de terra santa. Além de despachar Washington Luiz reverencia João Pessoa, cujo assassinato serviu de pretexto para o desencadeamento da revolta. Júlio Prestes, deportado, partiu debaixo da ironia de Oswaldo Santiago, lembrando seu apelido: “Bico de Lacre” em “Não Vem Mais”:

*Quem disse que um dia ele vinha
Lá no Catete se assentar
Entregue a mão à palmatória
E vai uns bolos apanhar
Não vem mais o Seu Julinho*

*Porque o povo não quis
Bico de Lacre coitadinho
Como foste infeliz
O Cavanhaque deu um fora
Deixou Seu Julinho na mão
E este assim desempregado
Há de tomar um bom pifão.*

Barbado e Cavanhaque era como Washington Luiz fora apelidado.

Nos festejos de 1931 o indefectível Freire Jr. lança “Seu Getúlio Vem” feita em 1930 mas proibida de ser lançada durante a campanha. Como se vê, mais escaldado, vira casaca, ele que já pedira a vinda de Júlio Prestes:

*Oh Seu Getúlio vem
Oh Seu Getúlio vem
Lá no Catete só ele nos convém
Seu Getúlio é bam-bam-bam (6)
No palácio ele há de estar
Para tudo está disposto
Disposto até para lutar
Fale o povo o que quiser
Tudo isso é tapeação
Na cadeira há de sentar
Só quem vencer a eleição.*

Lamartine em 31 arvorou-se mesmo em porta-voz carnavalesco de Getúlio. Almirante gravou “G-E-GÊ”:

*Só mesmo com revolução
Graças ao rádio e ao parabelo
Nós vamos ter transformação
Neste Brasil verde e amarelo.
G-E-GÊ
Tu-tu-tu-tu
Li-li, o
Getúlio.*

Parabelo era uma antiga pistola automática. Nada mudou. Como nos dias atuais adesistas de revoluções não faltam. Curioso é ver-se o cordato Lamartine aprova o emprego de arma.

Apesar dos prenúncios de golpe, surgiram candidatos à presidência para as eleições em janeiro de 1938. Eram Armando Sales e Oswaldo Aranha. Só que em novembro de 1937 Getúlio puxou o tapete... Antes disso o jornal A Noite promoveu um concurso sobre o pleito. Venceu a música “A Menina Presidência” de Nássara e Cristovão de Alencar, defendida por Silvío Caldas:

*A menina presidência
Vai rifar seu coração
E já tem três pretendentes
Todos três chapéu na mão*

(E quem será?)

*O homem quem será?
Será Seu Manduca
Ou será Seu Vavá?
Entre esses dois
Meu coração balança
Porque na hora H
Quem vai ficar é o Seu Gegê.*

Seu Manduca era Armando Sales e Seu Vavá referia-se a Oswaldo Aranha. A premonição dos compositores confirmou-se e não deu outra, ficou mesmo o Seu Gegê. Continuamos seguindo a trilha carnavalesca de Getúlio. Em outubro de 1945 é deposto. Ciro de Souza e Herivelto Martins comentam em “Palacete no Catete”:

*Existe um palacete no Catete
E consta que foi desocupado
O vizinho do lado estava informado
Que o seu vizinho já pensava em se mudar
Este inquilino, apesar dos desenganos
Morou neste palacete... quinze anos.*

Ataulfo Alves que já fizera vários sambas ufanistas com Getúlio no poder, logo que este caiu mudou o tom, lançando em fevereiro de 46 “Isto é o Que Nós Queremos”, contestando o período de repressão e a carestia:

*Nós queremos nossa liberdade
Liberdade de pensar e falar
Nós queremos escolas pros filhos
E mais casas pro povo morar
Nós queremos leite, carne e pão*

*Nós queremos açúcar sem cartão
Nós queremos viver sem opressão
Nós queremos progresso pra nação.*

Após o afastamento de Getúlio elegeu-se o marechal Dutra. Sem carisma, seu insosso governo fez com que ninguém se lembrasse dele como protagonista no cenário carnavalesco. Nem contra nem a favor. Em 1950 Getúlio sai do ostracismo e se elege. Seu retorno é festejado por Alberto Ribeiro e José Maria de Abreu na marcha “João Paulino” (é o nome de um boneco também chamado João Teimoso, que por mais que se tente derrubá-lo mantém-se de pé):

*Gorduchinho, pequenino, quase calvo
Desta vez eu acertei no alvo
João Paulino que balança mas não cai
Eu sou pobre, pobre, pobre
E ele é o meu papai.*

O último verso se refere ao slogan explorado pelo getulistas que o nomeavam “pai dos pobres”. Jorge Goulart tronitroava enfático a marchinha de João de Barro e José Maria de Abreu:

*Ai Gegê. Ai Gegê
Ai, Gegê. Que saudades...
Que nós temos de você.*

O carnaval de 1951 é um chorrilho de louvações. “O Pequenino é o Maior” é um exemplo:

*O Pequenino é o maior, é o maior
Com ele a vida vai, vai ser melhor
O Pequenino é e sempre foi o melhor.*

“Gegê” de Claribalte Passos e Antônio Valentim dos Santos continua com a lisonja:

*Gegê, Gegê
Tá todo mundo esperando por você.*

Um tal de Oliveira persiste na puxação com “O Baixinho Voltou”:

*Segure iaiá
Na mão de ioiô
Vamos pular e cantar
Porque o Baixinho voltou.*

O maior estouro foi “Retrato do Velho” de Haroldo Lobo e Marino Pinto. Getúlio elogiou mas no fundo torceu o nariz. Vaidoso, envolvido com vedetes, qualquer alusão à sua idade ou ao tipo físico, mesmo simpática, ele absorvia contrafeito.

*Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar
O sorriso do velhinho
Faz a gente trabalhar
Eu já botei o meu
E tu? Não vais botar?
Já enfrentei o meu e tu?
Vais enfrentar?
O sorriso do velhinho
Faz a gente se animar
O sorriso do velhinho
Faz a gente se animar.*

Pulamos para 1952. A chiadeira começa a surgir como expressa o samba de Ernani Silva, Valentim e M. Passos, “Coisa Modesta”:

*Gegê...
Sou o operário brasileiro
Não quero emprego nem dinheiro
O que eu quero vou contar
Não é!...
Um palacete pra dar festa
Eu quero é coisa bem modesta
É um barraco pra eu morar.
Um quarto, uma sala, uma cozinha
Pra eu, ela e uma filhinha
Chega pra remediar
Eu durmo na garagem do vizinho
Porque o meu senhorio
Acaba de me despejar.
Gegê*

*Se acaso você arranjar
Um barracão pra eu morar
Vou pedir a Deus
Para lhe ajudar.*

Ainda em 1953 Silvino Neto, dublê de humorista de rádio e compositor (Adeus, Cinco Letras que Choram) elegeu-se vereador pelo PTB, partido que Getúlio fundara. Compõe e grava “Trabalhadores do Brasil”, usando a frase com a qual o Presidente iniciava seus discursos. O samba é crítico e Getúlio deve ter estranhado isso partindo de um coorreligionário. Silvino fala de sua eleição: “Naquela época como candidato do PTB eu fazia um programa de rádio muito popular onde imitando Getúlio eu já tinha um **handicap** formidável. Fiz uma campanha na base da brincadeira. Eu dizia: “Olha aí minha gente, nós não queremos nada com o trabalho. Nós queremos é nos arrumar! E o pessoal: “Tá bem, é isso mesmo. Tu tá falando a verdade!” Então votem em mim que eu quero entrar nessa boa. Foi uma loucura. Tive 25.000 votos”. Vejamos a letra:

*Trabalhadores do Brasil
Nós somos, nós queremos trabalhar
Trabalhamos com toda firmeza
Pelo gigante da própria natureza
Mas Senhor Presidente
A vida está de amargar
Meu barraco de madeira
Está querendo desabar
Vou levando a vida inteira
Esperando melhorar.*

Mas nem tudo são espinhos. No mesmo ano era desagradado por Marino Pinto e Paulo Soledade em “Deixa o Velho Trabalhar”:

*Há quem vive reclamando o ano inteiro
Há quem fala, fala, fala por falar
Derrotismo nunca foi bom conselheiro
- Deixa o velho trabalhar.
Faltava carne. Taí.
Petróleo tem também.
Não há quem diga que não há democracia
Miséria mesmo não há.
E o que nos falta, virá.*

- Roma não se fez num dia.

Quem diria, o neoliberalismo desvairado já era incentivado e tinha seus vilões no samba de Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti, preconceituoso, lançado em 1954 “Se eu Fosse o Getúlio”:

*O Brasil tem muito doutor
Muito funcionário
Muita professora
Se eu fosse o Getúlio mandava
Metade dessa gente pra lavoura.*

Depois o suicídio e o quase silêncio. Foi enredo de Mangueira no samba de Padeirinho “O Grande Presidente” em 1956. Em 58 a última lembrança que consegui anotar, o frevo-canção de Jonas Cordeiro e Miguel Lima “Sublime Evocação”:

*Vamos recordar e exaltar
E recordar o imortal Gegê
G inicial de glória
Que ficou na história.
O sorriso de Getúlio
O Brasil não esqueceu
E dizemos com orgulho
Que Getúlio não morreu.*

Em 1955 a disputa é entre Juscelino Kubitschek, Juarez Távora e Ademar de Barros. Os compositores ademaristas chegaram a capachadas insólitas como Ruy Ribeiro na marcha “Vamos Tacar os Peitos”:

*Vamos tacar os peitos, ó gente
Vamos trabalhar?
Vamos tacar os peitos
Juntos com Ademar
Mantimentos minha gente
Hospitais e condução
Ademar tirou batente
Salve, salve o GOSTOSÃO!*

Herivelto Martins e Benedito Lacerda dão o aval para a corrupção do “rouba mas faz” com “Caixinha do Ademar”:

*Quem não conhece
Quem não ouviu falar
Na famosa Caixinha do Ademar
Que deu livro, deu remédio, deu estrada
Caixinha abençoada
Já se comenta de norte a sul
Com Ademar tá tudo azul.*

Juscelino é eleito, tem a posse contestada e acaba assumindo. É a época da “irresponsabilidade construtiva” segundo Nelson Rodrigues. Com seu carisma foi muito citado. A mudança de capital teve prós e contras. Sebastião Gomes, Átila Bezerra e Waldir Ribeiro aprovam em 1958 e incentivam: “Vamos pra Brasília”:

*Está na hora Emília
É agora Emília
Deixa o Rio
Vem comigo pra Brasília.
A idéia não é má
Nasceu de JK
Então vamos pra lá
Que vai ser um chuí.*

Carnaval de 1959. A queixa é de Miguel Gustavo em “Dá um Jeito Nonô”, gravada por Carequinha:

*Dá um jeito nele Nonô
Meu dinheiro não tem valô
Meu cruzeiro vale nada
Já não dá nem pra cocada
Já não compra mais banana.
Já não compra mais café.*

Em 1960 o mesmo Miguel Gustavo em parceria com o flautista Altamiro Carrilho anota o vai-vem do inquieto presidente em “Carnaval de JK”:

*Como pode o Juscelino
Viver longe de Brasília?
JK está lá e cá (bis).*

Campanha eleitoral de 1960. São candidatos Jânio Quadros, Lott e Ademar. Com sua campanha moralizadora Jânio é prestigiado. Haroldo Lobo e Carlos Marques lançam “A Marcha da Vassoura”:

*Saindo JK
Entrando JQ
Pessoal
A vassoura vai comer.*

Ciro de Souza e Pereira também abordaram o símbolo. Note-se que naquela época os compositores lançavam músicas apologéticas sem nenhum constrangimento. Na maioria das vezes era por convicção não entrando dinheiro pela feitura. Hoje há mais comedimento e os artistas sobem aos palanques, com raríssimas exceções, apenas para comercializar sua música. Retornemos a Jânio em “Tá Faltando Um”:

*Varre, varre, vassourinha
Deixa minha casa bem limpinha
Tá faltando um quadro
No palacete do Catete.*

Foi eleito e continuam as vassouradas. Carnaval de 1961 Antonio Almeida e Nilo Barbosa comparecem com “Bloco do Gari”:

*Olha vassouras! Espanadores!
Para limpar toda sujeira
Que está aí
“No que me concerne”
Eu vou entrar
Para o bloco do gari
Varre vassourinha
A copa e a cozinha
E o lixo do quintal
Lava a roupa suja
Pendura no varal.*

“Minha Cachaça” de Dora Lopes, Ester Tarcitano e Mauro Araújo reforçam o tema. O título é bem sugestivo:

Já me disseram

*Que a vassoura vai comer
Saiu o JK
E entrou o JQ.*

A descoordenada vassoura acabou varrendo o Brasil para debaixo do tapete. Tantos rapapés não serviram para nada. No mesmo ano o tresloucado Jânio renunciou, invocando “forças ocultas”, quando na realidade pretendia um golpe, retornando com apoio popular e muito mais prestígio. Quebrou a cara. Jango, o vice, enfrentou forte oposição para assumir. “A Marchinha Legal” de Luiz de França lhe dava força:

*É lei. É lei. Diz o candango.
Mais uma vez queremos Jango.
Não adianta fazer marola
Esta é a vez da mocidade
Estamos com Brizola
A bandeira da legalidade.*

No carnaval de 1964 JK começa a ser cogitado. Enock, Joe e Garcia são cabos-eleitorais:

*Se ela for, eu também vou
Se ela é Nonô, eu também sou
Ninguém pode negar o seu valor
Ninguém pode esquecer o que ele fez
Em 65 voltará
Pra despertar o gigante outra vez.*

O trio se repete batizando Juscelino como o super “Homem Brasa”:

*Sai da frente que ele vem aí
Mandando brasa. Mandando brasa
Quem não acredita
Não perde por esperar
Em sessenta e cinco
O Homem Brasa é o JK.*

Ricardo Galeno também estava otimista clamando “Nonô Vai Voltar”:

*Que bom vai ser
Nonô na presidência*

*A nossa escola vai voltar
A ter cadência.*

Abril de 1964. A liberdade fecha as asas sobre nós com a deflagração do golpe militar.

A cidadania é violada pela cassação dos direitos políticos. Os compositores, pisando em ovos, preferiram o escapismo no carnaval de 1955 como Paquito, Romeu Gentil e Moreira da Silva em “Cassa o Mandato Dele”:

*Cassa o mandato dele
Eu não tenho nada
Pra ninguém fiscalizar
Eu quero é gozar.*

Ou Raul Marques, Hugo Brando e William Duba em “Zé da Moamba”:

*Cassaram o mandato
Do Zé da Moamba
Mas se cassam o meu
Lá se vai o samba.*

“Maria Pouca Roupa” de Newton Teixeira e Blecaute pelo menos passa um verniz de humor:

*A Maria comprou biquini
No Salomão e fez fantasia
Lá em casa por causa da Maria
Cassaram meu mandato
E houve até pancadaria.*

Surge Haroldo Lobo, valente, abominando a delação em “Dedo Duro”:

*Todo dedo duro é cara de pau
Todo dedo duro no fim acaba mal.*

O respeitado compositor pernambucano Nelson Ferreira, num surto delirante ufanista, surgiu com um mambembe frevo que só apequenou sua obra. Denominou-o “O Bloco da Vitória”:

Marechal Castelo

*Em sua homenagem
O Bloco da Vitória
Vem à rua, de novo
Veja como o povo
Entrou no rojão
Pra na hora da folia
Fazer revolução! (Não é?)
Costa e Silva, Justino
Muricy e Mourão
Da nossa banda são generais
Como eles, nossa gente
Mais vitória traz
Por isso é que afirmamos afinal:
Nosso bloco vai mandar brasa!
Nosso bloco vai mandar brasa!
Brasa, brasa, brasa, neste carnaval.*

Castelo Branco assume “comprometido com a democracia” que logo é vilipendiada. Jota Jr. e Alcyr Pires Vermelho perceberam que a saída era ironizar e vieram com “Ato Inconstitucional”:

*O Rei Momo decretou
O Ato Inconstitucional
Fez de você, meu marron glacê
Rainha do meu carnaval.*

Zé Keti foi outro que não se alienou. Mandou em 1966 farpas sobre os “arrepêndidos” na “Marcha da Democracia”:(7)

*Marchou com Deus pela democracia
Agora chia, agora chia
Você perdeu a personalidade
Agora fala em liberdade.*

Estava tudo cinza-chumbo em 1975 no governo Medici. Mesmo assim Geraldo e Jair Barbosa faziam mesuras em “Salve Nosso Presidente”:

*Brasil pra frente
Teu povo é quente
Salve a garotada do Brasil
Salve o nosso presidente que é pra frente.*

Foi gravada muito sugestivamente pelo palhaço Carequinha. Que estranho desígnio levou os autores a meter a garotada do Brasil na música? Outra dupla Silvio Curval e Oleimar de Oliveira também se entregaram a salamaleques. Para eles era o “Brasil Novo”:

*De norte ao sul
Do sul ao norte
O povo todo exclama
O presidente é bom e forte.*

Sopram os ventos da abertura. O veterano Pedro Caetano não deixa passar e compõe “General, General”:

*General, General
Tira a tranca
Arranca o trinco
Joga fora o cadeado
Que ele até oitenta e cinco
Não quer ver ninguém trancado.*

No carnaval de 1982, num desvario, Jorginho de Bonsucesso cria um epíteto espantoso para o Presidente Figueiredo:

*Do gari ao engenheiro
Todos tem seus ideais
Figueiredo
Apóia todas as classes sociais
Figueiredo, REI DA DEMOCRACIA!*

Não fica atrás em alienação um tal de Vicente Tessário que se achando parecido com o presidente detona em 1983 o seu “Sósia do Presidente”:

*Estou feliz, estou contente
Sou parecido com o presidente.*

Nem sempre políticos que eram lembrados pertenciam ao **cast** de presidenciáveis. Em 1950 José do Espírito Santo e Faísca lançavam lantejoulas no prefeito do Rio, Mendes de Moraes, o construtor do Maracanã. O título incomum: “Salve o Prefeito”:

*Salve o governador da cidade
Senhor Mendes de Moraes.
Homem de fibra, de grande capacidade
Nosso querido prefeito
Remodelador da cidade*

O austero Carlos Lacerda, primeiro governador eleito do antigo estado da Guanabara em 1960 era tratado com a maior intimidade por Aldacir Louro e F. Rodrigues na marcha “Não Teve Graça”, para o carnaval de 1961:

*Não teve graça
Não teve não
Votei na certa
E o Lalá foi campeão.*

Em 1952 o popular e bizarro deputado-pistoleiro Tenório Cavalcanti surgiu atirando na marcha de Manoel Pinto e Ayrão “Lá Vem o Seu Tenório”:

*Lá vem o Seu Tenório
Tenha cuidado que esse homem é de amargar
Por qualquer coisa pega na metralhadora
Dá no gatilho tatatata... tatatata
O seu Tenório é um homem camarada
Mas se alguém o provocar topa sempre a parada
Em qualquer briga leva sempre a melhor
Lá em Caxias seu Tenório é o maior.*

Em 1979 é a vez de Maluf. Beduino e Roberto Amaral badalam a utópica Petropaulo em “Sheik Maluf”:

*Bota a sonda no buraco
Que o petróleo vai jorrar
Nossa terra tem de tudo
Seu Maluf vai provar.*

Em certos momentos o eleitor já desencantado, se vinga, protestando nas urnas através de candidatos inimagináveis. Já o fez com as muriçocas de Vila Velha no Espírito Santo, com o macaco Tião no Rio. O bode Frederico, candidato a prefeito do município do Pilar em Alagoas ante a perspectiva de se sair vitorioso foi imolado. Apareceu morto, envenenado por raticida. Outro

bode, o Cheiroso foi mais feliz. No interior de Pernambuco elegeu-se vereador (8).

Incensado mesmo foi o rinoceronte Cacareco em 1960. Uma turma de jornalistas depois de umas e muitas no Hotel Jaraguá, em São Paulo, saiu de madrugada pichando os muros com propaganda do animal. Não deu outra. Obteve 90 mil votos enquanto Jânio teve 71.000. Roubou nove cadeiras a Ademar na Câmara de Vereadores. Roggieri e Ivando Luiz captaram o fenômeno “Cacareco”:

*Está faltando carne
Está faltando pão
Criança sem escola
É triste a situação
A queixa deste povo não encontra eco
E foi eleito o Cacareco.*

Saulo Gomes foi outro contestador bradando “Cacareco é Nosso”:

*Não há leite, não há carne, não há pão
Minha gente não faça confusão
Troque a vassoura por pandeiro e reco-reco
E vá votar no Cacareco.*

Mesina não entendeu nada como canta em “O Rinoceronte Cacareco”:

*Tô, tô ficando ca-ca-re-ca
Só de pensar nesse treco
Como o povo elegeu
O rinoceronte Cacareco.*

Fez sucesso mesmo com Risadinha e José Roy. Foi em 1960 que “Cacareco é o Maior” abafou nos salões:

*Ca-ca-ca-reco
Cacareco. Cacareco é o maior
Ca-ca-careco
De mim ninguém tem dó.*

Impacto que deixou a todos boquiabertos foi a eleição em 1983 do índio Juruna para deputado federal no Rio. Os poetas populares deitaram e

rolaram. Vevé Calazans e Dito mostram em “Depu-índio” uma imagem supostamente sagaz, na verdade deprimente:

*O índio foi eleito deputado
Lá no plenário tá botando pra quebrar
Não cai na conversa do apito
Gosta de loura sem biquini e sem colar.*

Walter Levita passa recado em “Juruna Falou”:

*Juruna falou
Vai ser pra valer
Índio não quer mais apito
Índio agora quer poder.*

No carnaval de 1984 era protagonista da “Marcha do Oh!” de Rômulo Marinho:

*O branco chegou sem dó
Pegou o índio e fez “Oh!”
Agora é a vez do Juruna chegar
E fazer “Oh!” em vocês.*

De nada adiantou a torcida. O índio deslumbrou-se, esboroou-se e hoje conheceu o ostracismo imposto pelo implacável “Oh!” dos civilizados. Morreu doente e abandonado só convivendo com a desesperança. O Plano Cruzado de 1968 teve como um dos artífices o ministro Dilson Funaro e o tornou popularíssimo. Os brasileiros como diria o filósofo Jamelão estavam igual a “pinto no lixo”. No ano seguinte a derrocada com tudo se esfarelado. O professor da Universidade de Brasília, Jorge Antunes, um dos introdutores da música eletrônica no país, reconhecido internacionalmente, ainda zonzo, desabafou com a engraçada “Tô, Tô, Tô Funaro” para o carnaval de 1987:

*Tô, tô, tô Funaro
Tô bebendo, tô caindo, mas não paro
Tô, tô, tô Funaro
Tá sem gelo e tudo aqui tá muito caro
Fumo votá
Fumo levei
Fumo sim; eu fumo mas não trago
Fumo ganhei*

Tô, tô, tô funaro e mal pago.

Encerramos este painel com “Esquema PC” de Jovelino dos Santos e Selma Costa, que ninguém tomou conhecimento em 1993:

*Pega, pega, pega ladrão
Pega, pega todos pra valer
Pega, pega, pega ladrão
São eles o esquema PC.*

ADEREÇOS

1 - O senador Pinheiro Machado, chefe do Partido Republicano Conservador, era a eminência parda do país. Mandava e desmandava. Nenhum parlamentar na história política brasileira conseguiu seu poder. Morreu apunhalado em 1915 por motivo até hoje nebuloso. Morava no Morro da Graça para onde convergiam caravanas de aduladores. Chegava-se à casa por uma pequena ladeira. A aparição foi ironizada em 1909 num filme de A. Leal e numa peça de Raul e Ataliba Reis, ambas com o nome de “Pega na Chaleira”.

2 - Zé-Povo: personagem criada pelo caricaturista português Raul Bordalo Pinheiro. Virou zé-povinho e hoje é povão.

3 - Bernarda: o mesmo que motim.

4 - Apesar de ter nascido em Macaé, antigo Estado do Rio, Washington Luiz viveu desde a mocidade em São Paulo.

5 - Tal fato levou Eduardo Souto a provocá-lo classificando-o como “paulista falsificado”.

6 - Bam bam bam: pessoa competente no que faz.

7- Lamentável é que em 72 Zé Keti mudou a postura. Compôs uma marcha, Sua Excia. a Independência, cujo disco trazia a foto do presidente Médici na capa.”.

8 - Vale a pena conhecer o divertido rojão “Bode Cheiroso” de Elias Soares e Fernandes mesmo lançado fora do carnaval:

*Olhe como é que pode
Me diga seu dotô
Um diabo dum bode
Sê vereadô
Foi na eleição
De Jaboaão
Que o bode Cheiroso*

*Na hora da apuração
Teve a maior votação.*

ABRE ALAS... ELES QUEREM PASSAR

Neste capítulo apresento um desfile pela passarela momesca onde os componentes que foram notícia na história brasileira e internacional são colocados pelos argutos observadores da canção carnavalesca como destaques em suas obras. Deixemos passar primeiro o bloco nacional nos seus primórdios.

Cabral foi uma figura simpática. Para o carnaval de 1934 Lamartine Babo surgiu com a marcha surrealista “História do Brasil” arrebatando o povão. A letra é um achado:

*Quem foi que inventou o Brasil?
Foi seu Cabral... Foi seu Cabral...
No dia 21 de abril...
Dois meses depois do carnaval...
Depois...
Ceci amou Peri
Peri beijou Ceci
Ao som...
Ao som do... Guarani
Do Guarani ao guaraná
Surgiu a feijoada
E mais tarde o parati (1)
Depois
Ceci virou iaiá
Peri virou ioiô
De lá...
Pra cá, tudo mudou!
Passou-se o tempo da vovó...
Quem manda é a Severa (2)
E o cavalo Mossoró!... (3)*

Vicente Paiva e Paulo Barbosa em 1935 relatam na “Salada Portuguesa” como a comitiva cabralina era da fuzarca:

*O vovô já me dizia
No Brasil há alegria
Desde o tempo de Cabral*

Que existe carnaval.

Na verdade os compositores estavam se lixando para o aspecto heróico da empreitada. Os méritos do navegador eram outros como mostra Arlindo Veloso. Rebaixou as caravelas e obrigou o pobre Cabral a um esforço titânico com os pulmões. “Barquinho do Cabral” é de 1965:

*O primeiro foi Cabral
Que veio na sua barquinha
Soprando a velinha
Lá de Portugal
Depois veio a mulata
Que ainda hoje é sensação
Mulata, rainha
Mutala quatrocentão.*

O quatrocentão é referência ao 4º Centenário do Rio. No rastro da novela “Antonio Maria” que contava a saga de um português representado por Sérgio Cardoso e que comoveu multidões, vieram Max Nunes e Laércio Alves em 1969 com “Ora, Pois, Pois!”

*Cabral descobriu o Brasil
Num dia vinte e dois
Foi a que horas?
Ora, pois, pois!
Ai Jesus, que gostosura
A farra foi depois
Foi a que horas?
Ora, pois, pois!*

No carnaval vale qualquer salada cronológica. José Lopes em “As Caravelas” de 1972 encaixou os desbravadores na comitiva de Cabral como avalistas:

*As caravelas de Cabral surgiram
Cortando os mares desta terra amada
Trouxe com ele muitos bandeirantes
Testemunhas da terra encontrada.*

Para Denis Lobo e José Orlando o desembarque foi só folia como contam em “Iê, Iê, Iê Vatapá” de 73:

*Bahia mil e quinhentos
Da chegada do Cabral
Foi aí que aconteceu
O primeiro carnaval.*

O quarteto Edy Franco, J. Masson, Carlos Bandeira e Odilon Araújo está agradecido em “Cabral e a Mulata”, composto em 1978:

*Cabral... Cabral...
Que bem você nos faz
Quem inventou a mulata, seu Cabral
A maior invenção do português.*

Diogo Álvares, aprisionado pelos Tupinambás, não lhes pareceu muito apetitoso, sendo poupado e ainda recebendo a mordomia de poder escolher entre as misses da tribo a sua companheira. Encantou-se com Paraguaçu. Recebeu o apelido de Caramuru e os historiadores divergem quanto à sua origem. Significaria “Filho do Trovão” por ter embasbacado os índios fazendo um disparo com o bacamarte ou por ser magrelo e alto assemelhando-se ao caramuru, peixe comprido como uma enguia. Existem registros de que regressou à Europa frequentando a corte de Catarina de Médici. Quem sabe ele mesmo espalhou a lenda?

Nássara e Sá Róris ficam com a versão do tiro cantada por Aracy de Almeida no carnaval de 1939:

*Caramuru-ú, ú
Caramuru-ú, ú
Filho do fogo
Sobrinho do trovão
Caramuru
Que atirou num urubu
Mas errou a direção
E acertou num gavião.*

Reaparece em 1943 em “Índia Paraguaçu”. Os autores Max Bulhões e João Batista Filho mostram que a máquina do tempo funciona:

*Diante de Caramuru
Uma tribo de selvagens se rendeu*

*Depois que avistou a caça e fez fumaça
O cacique lhe obedeceu
E a linda índia Paraguaçu.
Filha da tribo casou com Caramuru
Caramuru, Caramuru
Já canta samba e toca flauta de bambu
Paraguaçu, ú, ú
Já toma banho na praia do Caju
Dança na gafieira
É torcida do Fla-Flu.*

O aventureiro era mesmo popular. Aqui está de novo em 1952 na composição de Hélio Ribeiro e Álvaro Xavier “Tribo do Caramuru”:

*Na tribo do Aimoré
Todo mundo usava pena, até o pajé
Mas na tribo do Caramuru
A ordem é esta
Todo mundo nu.*

Todo país precisa, indiscutivelmente, de heróis. Isso não justifica que a história oficial seja sempre apologética, ufanista e parcial. Vejamos alguns exemplos em outras plagas: o general Custer, indômito e imbatível em filmes e livros, fez do massacre indígena plataforma política para chegar à presidência dos Estados Unidos. O tiro, ou melhor a flechada, saiu certa e seu exército acabou dizimado. Outro ícone americano, o bravo Búfalo Bill (não é lenda, existiu mesmo) matou mais índios que búfalos. George Washington aprovava o extermínio das tribos e negociava com escravos. Kipling, o doce escritor e Baden Powell, fundador do escotismo foram imperialistas ferrenhos. Wellington derrotou Napoleão e ordenou o morticínio de operários.

A lista é longa. Muitos de nossos vultos históricos não fogem à regra. São descritos como íntegros, imaculados, destemidos, sem um humano deslize. A MPB vem fazendo eco às versões maquiadas, com obras encomiásticas. D. Pedro I se encaixa bem nesse conceito. Foi sem dúvida uma figura fascinante e polêmica. Ousado, destemperado, inconsequente, boêmio, sedutor, modinheiro. Hoje em dia tanto poderia ser rotulado de “gente fina” ou “bad boy”. Sua ciclotimia o fazia oscilar entre ataques de fúria e atitudes emotivas e generosas. O “brado retumbante” e o “fico” conquistaram o maior ibope. De início encheu-se de brasilidade e andou fustigando os portugueses.

Inesperadamente dá uma reviravolta, abre-lhes a porta do palácio, formando uma patota de fâmulos que deixa indignados os brasileiros. Para os carnavalescos não teve defeitos. As músicas que o citam são sempre laudatórias. Silvio Silva e Fernando Cesar em “Pedro Fico” em 1968 começam decididos e depois afrouxam:

*Vai, vai
Vai de vez e vai agora
Se tivesse ido ontem
Já era fora de hora
Vai, vai
Vai baixar noutra terreiro
Baixa de Pedro Primeiro
Bota banca e diz “eu fico”
E fica...*

“Sete de Setembro” de Ozir Pimenta a Antônio Valentim louva uma confusa nacionalidade:

*Sete de Setembro
Foi selada a nossa sorte
Às margens do Ipiranga
Um longo grito ecoou
Independência ou morte
Para esse povo de valor.
Mil novecentos e setenta e dois
Engalana o Brasil
Comemorando a existência
Dos cento e cinquenta anos
Da Independência
Vamos cantar e exaltar
Nosso herói de além-mar
Salve o grande brasileiro
D. Pedro I, D. Pedro I, D. Pedro I.*

No dia que o “grito ecoou” D. Pedro não estava com o melhor dos humores. Andara exagerando na comidaria em São Paulo junto a Domitila, com consequências intestinais lastimáveis. A consolidação da Independência só se consumou mesmo após acerto entre Inglaterra e Portugal, com o Brasil assumindo as dívidas deste último. Se quisessem teriam derrubado o príncipe rebelde com um peteleco. Na verdade tem absoluta razão Wilson Martins

quando comenta: “a Independência foi um processo, não o ato impulsivo em que nos faz crer os manuais escolares. A ruptura já estava decidida, e oficialmente decidida, desde o mês de agosto”.

Em 1973 Cesar Luiz e Dirson Ventura rasgam seda no confuso “Samba da Independência”.

*Quem não viu mas tem noção
Que D. Pedro I foi defensor de nossa nação
Com energia e dedicação
Foi o único e o primeiro
Dar o grito da salvação.
A Independência foi dada com perfeição
Por otimismo do nosso imperador
Que ficou marcado na história
O dia da nossa vitória
E a glória de cada um.*

O “por otimismo” é ótimo. Saiamos da badalação e vamos dar lugar ao lúdico com “A Marcha do Pedro” de Adilson Godoi e Orfeu Campos para o carnaval de 1976:

*Pedro foi o primeiro
A sair de Portugal
De braço com a Marquesa
Pra brincar o carnaval
Cantando
Lá em cima tem o tiro liro liro
Cá embaixo tem o liro liro lá.*

Outras obras falam em D. Pedro I mas por sua pobreza não merecem ser citadas. Já que o assunto é Independência vem-nos à mente um dos nossos poucos orgulhos nacionais: Tiradentes, quase nunca mencionado. Foi digno e macho. Assumiu sozinho a conspiração, livrando a cara dos outros e foi o único sacrificado. Já Tomás Antonio Gonzaga foi de um mau caratismo sem par e deveria ser condenado ao ostracismo. Covarde e sabujo é inexplicavelmente tratado por alguns historiadores como vítima. Um cândido e inofensivo poeta aliciado e envolvido. Para se defender argumentou que era português e colocado frente a frente com o alferes, amedrontado, transfere-lhe toda a culpa. No acervo carnavalesco sobre Tiradentes encontrei o belo samba-enredo que leva seu nome (Joaquim José / Da Silva Xavier / Morreu a

21 de abril / Pela Independência do Brasil / Foi traído e não traiu jamais / A Inconfidência de Minas Gerais) de Estanislau Silva, Décio Antonio Carlos e Penteadó lançado em 1949 com a Império Serrano, vencendo o desfile. Outra nada acrescentou ao seu currículo. “Abobrão de Cinco Mil” de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira para 1964:

*O Tiradentes agora é o tal
Passou pra trás o seu Cabral
Salve Tiradentes
O Joaquim José da Silva Xavier
O abobrão de cinco mil
Quem mais gostou foi minha mulher.*

Em 1937 a parceria Bemol e Jack Bacana lembra o intrépido Fernão Dias, que já entrado nos anos, saiu à caça das esmeraldas. A marcha é “Garota Paulista” ou “Bandeirante do Amor”:

*Garota paulista
Dos cabelos de ouro
E de olhos tão verdes
Você é o meu tesouro
Achei esmeraldas nos seus olhos, minha flor
Eu sou o Fernão Dias do amor.*

Vicente Paiva e Sá Roriz na marcha “Terra Americana”, são signatários dos encantos descritos por Pero Vaz:

*Tudo aqui Deus abençoa
Que terra boa
Como esta assim não há
Tem até lua de prata
Tem morena e mulata
Tem palmeira e sabiá
Bem dizia o Vaz Caminha
Numa cartinha
Que mandou pra Portugal
Esta terra é mesmo da coroa
Adeus Lisboa
Vou ficar pro carnaval.*

Alberto Ribeiro, com bossa “lamartinesca”, faz deliciosa mistura, abrindo o desfile com Camões, brincando com a nossa História. “As Armas e os Barões” foi lançada em 1936. Incluída no filme “Alô, Alô Carnaval” de enorme sucesso, teve como intérpretes Lamartine Babo e Almirante. Surgindo uma oportunidade os amantes da música brasileira não devem perdê-lo. É um cenário cativante onde brilham astros famosos da época:

*As armas e os barões assinalados
Vieram assistir o carnaval
Cantando espalharei por toda parte
O porta-estandarte vai ser o seu Cabral.
Peri e Ceci de palhaço
Caramuru de Arlequim
Mandaram beijos e abraços
Pagaram um chope pra mim
O Pero Vaz de Caminha
Vem de pierrô furtacor
E traz na mão fechadinha
Uma cartinha de amor.*

Almirante levou-a ao disco. No filme ele começa cantando e depois chama Lamartine que encaixa o seguinte trecho:

*Quem vê a minha figura
Diz que eu sou assim assim
A minha caricatura
Deve ter raiva de mim.*

Essa parte não aparece na gravação e pelo estilo tudo indica que o autor é Lamartine e não Alberto Ribeiro.

Em 1972, Zé Marinheiro é o compositor bem apropriado para distribuir elogios aos partícipes da Batalha do Riachuelo na sua marcha “Mamãe, Vou ser Marinheiro”:

*Mamãe eu vou ser marinheiro
Servir à pátria e viajar o mundo inteiro
Servir à Marinha
Pra mim é uma glória
Ser marinheiro já é uma vitória
Marcílio Dias e Almirante Barroso*

Deixaram seus nomes na História.

A Abolição foi um acontecimento relevante na vida nacional. A Lei Áurea, apesar de capenga foi um referencial. Ela veio carregada de uma forte dose de emocionalismo e não previu os efeitos sociais e econômicos da libertação. Não houve uma regulamentação que se preocupasse com o futuro do negro, com seu amparo, promovendo sua educação e possibilitando ser absorvido pela sociedade então existente. Justifica-se portanto o repúdio dos negros ao 13 de maio. Devemos porém fazer justiça à Princesa Isabel. Era uma pessoa sensível e intrinsecamente antiescravagista como o pai, que reconheçam ou não alguns historiadores, foi um estadista. Contrariou o marido, o conde D'Eu, que comentou ao vê-la decidida: "Não assine Isabel. É o fim da Monarquia". Comovente é sua carta a uma amiga após ser escorraçada do país: "As saudades que levo são imensas. Fui tão feliz!" É lembrada por Geraldo Pereira e José Batista no belo samba de 1948 "Liberta Meu Coração":

*Enquanto Isabel, a Redentora
Aboliu a escravidão
Outra Isabel, tão pecadora
Escravizou meu coração
Ai, o meu viver é tão cruel
Liberta o meu coração, Isabel.*

Dez anos depois era nomeada preposta do Messias na batucada de Blecaute, Godinho e Laurindo: "Serenou, Serenou". Eis o trecho marcante:

*Batuquei a noite inteira
Em louvor à Princesa Isabel
Salve a Redentora
Que Jesus mandou do céu.*

"Nos braços de Isabel" também faz a interação entre a liberdade dos escravos e do coração. Cantada por Silvio Caldas que é um dos autores, junto a José Judice é do carnaval de 1952:

*Ontem Isabel me libertou
Da escravidão e da dor
Hoje Isabel é minha libertação no amor
Salve a Princesa Isabel
Que quebrou minhas algemas*

*Salve a Isabel
Que resolve meus problemas.*

O maestro Zacarias teve um desvario de otimismo quando compôs em 1962 o samba “13 de Maio de 1888”:

*No dia 13 de maio
A Princesa libertou
Os escravos da dor
Não tem mais preconceito de cor
Hoje preto é senhor
A Princesa Isabel
Assinou a libertação
A Princesa Isabel
Assinou a abolição
Preto ganha um milhão
Hoje preto é patrão.*

Já Ataíde Machado exagera na euforia e non-sense ao lançar em 1972 o can-can (?) “No Tempo da Opereta”:

*No tempo da opereta
Depois da escravidão
Que legal
A princesa, de capeta
Foi brincar o carnaval.*

Outra figura emblemática foi Santos Dumont. Nas palavras de Gilberto Freire “nunca um brasileiro foi tão completa glória universal, consagrado pelos sábios, reis e artistas”. Justas considerações. Foi um cara realmente especial, um mito. E como tal cercado de lendas. Lembro-me que no antigo ginásio era-nos transmitida a pueril versão de que morrera de desgosto, por ver sua invenção desvirtuada, o avião transformado em destruidora arma de guerra. Nem uma palavra sobre o suicídio. Este deu-se em plena Revolução Constitucionalista de 32 e Getúlio foi acusado pelos paulistas de ter-lhe levado à depressão, por autorizar o bombardeio aéreo das tropas revoltosas. O governo federal divulgou a versão da “morte natural”, que foi o que constou no atestado de óbito. Na verdade o que o levou ao desatino foi uma inexorável doença do sistema nervoso que minou-lhe o organismo, incoordenou-lhe as mãos, embaçou-lhe os olhos e transformou-o em ancião aos 59 anos. Foi um dos nossos vultos mais citados pelos compositores de vários matizes. Aparece

em sambas, marchas, xótis, música sertaneja e principalmente em sambas-enredos. Como não estou abordando os últimos neste trabalho, surpreendeu-me por praticamente nada encontrar que o celebrasse nas canções carnavalescas. Apenas uma citação em “Bicho Carpinteiro” composta em 58 por Klécio Caldas e Armando Cavalcanti, que tentava explicar a atração de JK pelas andanças aéreas:

*O Pai da Aviação era mineiro
Nasceu com a mania de voar
Por isso o bicho carpinteiro
Não deixa esse mineiro sossegar.*

Em 1906 dois assaltantes italianos, Rocca e Carleto, mataram os proprietários de uma joalheria no centro do Rio. Edigar de Alencar comenta que no carnaval de 1907 a tragédia foi cantada com letra aproveitando a melodia de um passo-doble francês muito popular na época: “La Mattchitche”:

*Mandei fazer um terno
De jaquetão
Pra ver Carleto e Rocca
Na Detenção.*

O carnaval é mesmo descompromissado e imprevisível. Trinta e quatro anos depois Ângelo Delatre na embolada “Mas que Espeto” relembra os criminosos. Apenas Rocca saiu vivo da prisão após cumprir 35 anos de pena.

*Cantando noite dia
Vou virar graveto
Mas que espeto, mas que espeto!
Eu me derreto
Fico mesmo um esqueleto
Banco até Rocca e Carleto
Mas não paro de cantar...*

Alguns personagens conseguem apenas seus dez minutos de glória. Não têm cacife para perpetuarem-se. Isso aconteceu com o urbanista francês Alfred Agache, importado pelo prefeito do Rio, Prado Júnior, que resolvera mudar a cara da cidade. Sua intenção é aprovada por Ary Kerner na marchinha de 1927 “Seu Agache”:

*Já chegou o seu Agache
Quem quiser que fale mal
Vai fazer desta cidade
Uma linda capital
Seu Agache
Seu Agache anda solto e preparado
Quem for feio fuja dele
Pra não ser remodelado.*

Leopoldo Fróes era o ator da moda nos anos 20. Bonitão, com seu charmoso sotaque lusitano siderava o público feminino. A idolatria foi bem captada por Gaudio Viotti e X.I.2 na marchinha de 1925 “Ai! seu Fróes”. O homem era tão respeitado que na partitura os autores fazem reverência: “Ao grande ator brasileiro Leopoldo Fróes, justo orgulho do Teatro Nacional com perdão da irreverência”.

*Ai, Seu Fróes
Sob o caráter de epidemia
Nova moléstia nos assaltou
Cronicamente ou de forma aguda
Froesiopatia tudo infestou
Não há menina, não há velhota
Bonita ou feia, mesmo canhão
Todas palpitam, todas agitam
E pelo Fróes mostram paixão.*

1954. Marta Rocha perde o título de Miss Universo. Duas polegadas a mais nos quadris tirou-lhe a glória. Comoção nacional. Revolta. No carnaval de 1955 ela mesma leva ao disco a marcha-desagravo “Duas Polegadas” de Alcyr Pires Vermelho, Pedro Caetano e Carlos Renato:

*Duas polegadas a mais
Passaram a baiana pra trás
Por duas polegadas
E logo nos quadris
Tem dó, tem dó, seu juiz
Marta, Marta não ligue pra isso não
Marta, Marta, ninguém tem o seu violão.*

Em 1968 outra Marta, a Vasconcelos, ganhou o título. Ely Santos lembrou-se dela no carnaval de 1969 com “Miss Universo”. Mas a história a esqueceu:

*Ela tem os olhinhos tão belos
Andar faceiro e é tão gentil
Marta Vasconcelos
Miss Universo, Miss Brasil
É da Bahia, de Salvador
E os quindins de iaiá e de ioiô
Na passarela universal também
Mostrou ao mundo
O que a Bahia tem.*

Hoje é comum artistas consagrados se apresentarem em teatros suburbanos, sem que isso seja considerada uma banalização. Mas pelos anos 50 era incomum. Zaquia Jorge foi a primeira vedete do teatro de revistas a ter essa visão. Sua morte, afogada, inspirou uma das mais perenes obras carnavalescas: “Madureira Chorou” de Carvalhinho e Júlio Monteiro em 1958:

*Madureira chorou
Madureira chorou de dor
Quando a voz do destino
Obedecendo ao divino
A sua estrela chamou
Gente modesta
Gente boa do subúrbio
Que só comete distúrbio
Se alguém lhe menosprezar
Aquela gente
Que mora na zona norte
Até hoje chora a morte
Da estrela do lugar.*

Ibrahim Sued, cronista social, semi-alfabetizado (utilizou sua pouca cultura com inteligência e charme), apesar de noticiar em sua coluna festas da alta sociedade, escolher os mais elegantes e outras puerilidades era muito popular. Enriqueceu cevando vaidades de socialites, políticos e adulando poderosos. Seus bordões ficaram famosos. Ele comentava que a maioria de seus leitores era de classe mais baixa, que o liam se espelhando no universo

mundano. Anos depois Joãozinho Trinta enfatizava que “pobre gosta de luxo”. O poeta, publicitário (os mais antigos se recordam: “quando eu entro no chuveiro / Só que entra no banheiro / É o sabonete Cinta Azul” ou “Já no tempo dos barões / Era pedido nos salões / Café Moinho de Ouro”) e talentoso compositor Miguel Gustavo brincava em 1956:

*Ô Ibrahim, piu, piu!
Ô Ibrahim, piu, piu
Ô Ibrahim bota o meu nome no jornal
Eu quero ser também
Metido a “gente bem”
Dependurado na coluna social.*

Em 1972 continua citado. Noel Carlos e João Roberto Kelly anunciam em “Bomba, bomba” uma explosão de lantejoulas:

*Bomba, bomba, bomba
É furo sim
O Clodô vai se casar (uai)
Vou telefonar pro Ibrahim
Alô, alô Ibrahim
Dá essa bomba pra mim.*

“Na Casa do Genival” do mesmo ano, Antonio Lopes só convida pessoal badalado:

*Na casa do Genival
Todo dia tem carnaval
Lá comparece o Clodovil
Clóvis Bornay e Imperial
Armando Marques de apito na mão
Botou o Chacrinha pra fora do salão
Chacrinha nervoso grita:
Quem não se comunica, se trumbica.*

Parece que 72 era o ano dos festeiros. Roberto Martins lança “Marcha dos Cartazes”, onde numa salada bizarra os representantes da Jovem Guarda se curvam ao passado:

*Alô. Alô Cidinha Campos
Eu vou à festa na casa do Silvio Santos*

*O Roberto Carlos vai cantar “A Jardineira”
O Wilson Simonal cantará o “Cai, cai”
Wanderléia e Vanusa “Só na quarta-feira”
E o Antonio Marcos “Com Jeito Vai”
O Jerry Adriani no “Lero-Lero”
E o Wanderlei Cardoso, “Mamãe Eu Quero”.*

O caradurismo de supostos cantores irrita Cruz e Teixeira:

*Se o Silvio Santos canta
Também vou cantar
Se é hora do apêlo
Vamos apelar.*

O radialista Alziro Zarur, dono de forte empatia, por meio de doações a seu programa fundou a Legião da Boa Vontade, hoje uma bem sucedida organização de cunho social. Distribuía uma disputada sopa para os pobres. Tentou a política mas acabaram puxando seu tapete. Sebastião Gonçalves, Domenico Ferri e Dilson Doria relatam na “Marcha do Sururu” de 1966:

*Seu doutor
Por que o Zarur
Não pode ser governador?
Seu doutor, a sopa é boa
Que eles brigam, não, não é à toa
Arranjaram um sururu
Cortaram logo o topete do Zarur (4)*

Logo após o golpe de 64 João de Barro e Radamés Gnatalli - este talvez em incomum incursão carnavalesca - crédulos, especulavam sobre uma possível eleição democrática: “Pau no Burro” é o título:

*O Lacerda vai no bombo
Juscelino no ganzá
O Zarur pedindo ao santo
Que é pra coisa “melhorá”.*

Outro radialista, Júlio Louzada, emocionava os brasileiros com sua oração da Ave Maria. Dava também conselhos aos ouvintes. Paquito e Romeu Gentil não deixaram passar. Em 1952 na voz de Roberto Paiva foi um êxito a “Marcha do Conselho”:

*A mulher do meu melhor amigo
Me manda bilhete todo dia
Desde que me viu ficou apaixonada
Me aconselha seu Júlio Louzada.*

Em 1964 o coronel Américo Fontenelle, meio truculento, era o diretor de trânsito no Rio. Os desafiadores das regras passaram mal. Pneus murchos e guincho. Pedro Caetano e Alexandre Dias Filho tinham o mote que queriam para o carnaval de 65: “Todo mundo enche”. Dirigiu também o Detran de São Paulo onde foi apelidado de Kid Confusão. Se estivesse vivo iria se realizar com o novo Código Nacional de Trânsito.

*Nego não pia
Nego não pia
Todo mundo enche
Fontenelle esvazia
Dono de carro
Estava mal acostumado
Mas ele deixou
Todo mundo apavorado.*

Em 1953 falou-se no Brasil inteiro em Junot Pacheco, um engenheiro que se arvorava êmulo de São Pedro, capaz de fazer chover por meios artificiais. Esforçado ele era, mas resultado nenhum. Não ficou impune. Pedro Alves, Gerson Filho e Antonio Filho destacaram o fiasco. Foi uma das poucas vezes que Elizeth Cardoso gravou para o carnaval com algum sucesso. Eis o “Ai, ai Junot”:

*Ai, ai Junot
A sua previsão falhou
Você prometeu chover
Não choveu
Que calor! Que calor! Que calor!*

O vendedor de sonhos Omar Cardoso ficou famoso e enriqueceu com seus horóscopos. Baby Santiago e Toni Chaves estavam temerosos em “Bigode de Gato” lançado em 69:

*Sexta-feira à meia noite
Apanhou o meu retrato*

*Foi fazer feitiçaria
No bigode do meu gato
Já consultei o Omar Cardoso
Ele acha essa bobagem muito grossa
Pois se ferradura desse sorte
Burro não sofria na carroça.*

O “saudoso” Sargentelli tem sua competência reconhecida por Odilon Reza Forte, Pafúncio e J. Canseira na folia de 1978 em “Oba, Oba”:

*Oba, oba! Oba, oba!
Sargentelli é quem tem razão
A mulata sambando
Levanta a poeira do chão.*

Vamos dar uma pincelada agora por vultos de outras plagas. Buda não teve muita sorte. Otolino Lopes, William Duba e Adauto Michilis são aduladores interesseiros na marcha “Budista” de 1969:

*Eu sou budista
Adoro o Buda
Eu vou pedir a ele
Pra me dar uma mulher.*

Em “Fantasia de Buda” de Ernandes Ribeiro em 1978 é motivo de duplo sentido:

*A minha fantasia ninguém muda
Eu este ano vou sair de Buda
Vou de Buda pra lá
Pra rebolar
Mas se chover o meu Buda vai molhar.*

Uma tragédia romana, com os temperos de novela mexicana é contada por Tobis, Neide Pereira e Neylor de Oliveira na marcha “Amor de César”, lançada sem sorte em 1969:

*Cesar, Cesar, Cesar
Foi um grande imperador
Brutus tirou-lhe a vida
E o Marco Antonio*

Ficou com seu amor ô, ô, ô.

Para Athayde Machado os áulicos na corte de Júlio Cesar não eram confiáveis:

*A corte de Júlio Cesar
Comia caviar
E pendurava a conta
Quando alguém ia pagar.*

O humorista Silvino Neto aliado ao talentoso Haroldo Lobo, em 1965, quem diria, são os paladinos da moralidade na marcha “Os Últimos Dias de Pompéia”:

*Ô... Ô... Ô...
Isto aqui está dando idéia
Mulher bebendo... mulher fumando
Tô vendo coisas que eu nunca vi!
Ou tá todo mundo louco...
Ou Nero baixou aqui.*

Armando Cavalcanti e Klécio Caldas sempre criativos em “A Lua e a Colombina” interam com perfeição dois desbravadores:

*Colombo achou um novo mundo
E o velho mundo se espantou
Gagarin foi ao céu profundo
Voôu... voôu... voôu...
Também eu quero ir à lua
Pra ver a terra toda azul
Quero ser o Colombo dos Espaços
Levando colombina nos meus braços.*

Nuno Roland, foi um grande divulgador de sucessos carnavalescos. Catarinense, veio para o Rio e despontou na Rádio Nacional. Gravou Pirata da Perna de Pau (1947) e Tem Gato na Tuba (1948), antológicas. Morreu pobre e no ostracismo em 1975. No carnaval de 74 teve um alento e lançou “Madame das 7 Luas” de Orlando Monelo e Osvaldo França. Nenhuma repercussão:

*A madame das sete luas
Mora na rua*

*Que eu sou morador
Cada dia da semana
Ela tem um novo amor
Para ela toda noite dá no mesmo
Viva o amor e o vinho de Borgonha
Francamente até madame Pompadour
Perto dela coraria de vergonha.*

Vejam o requinte dos autores ao buscar um famoso vinho para ajudar na rima. Afinal a vizinha superava a preferida de Luiz XV. Só que injustamente esqueceram que ela não foi uma devassa e sim uma protetora das artes, a mulher mais culta da França no século XVIII.

Maria Antonieta a emproada e fútil rainha, divulgadora do uso brioche para os famintos, mesmo assim encantou Haroldo Lobo e J. Cascata no carnaval de 1940, apesar da bizarra referência aos cabelos “marron glacê”:

*Maria, Maria, Maria Antonieta
Quando te vi pela primeira vez
Pensei até que eu fosse um Luiz XVI
Pois teu olhar deixou meu coração
Em verdadeira revolução.
Em 1785
Não era tão linda assim
Não tinhas cabelo “marron glacê”
Nem lábios de carmim.*

A espanhola Caroline Otero, chamada a Bela Otero, provocava frisson no início do século em Paris. Entusiasmou o rei Eduardo VII, eletrizou D’Annunzio que a celebrava como “A Beleza Viva”. Teve os homens que quis a seus pés mas acabou indigente. Carlos Moraes e Castelo a homenagearam com “A Bela Otero”, levada ao disco em 1968 significativamente pela vedete Angelita Martinez. A música vem mostrar o interesse que os compositores tinham pela pesquisa:

*Eu quero, eu quero
Voltar aos tempos da Bela Otero
Mostrar ao mundo atual
Sua beleza triunfal
Monte Carlo a chamou
Foi a sua atração*

*Disputaram o seu coração
Mas tudo que a consagrou
A roleta girando levou.*

No périplo pela França não poderia faltar “O Pequeno Corso”. Elzo Augusto e J. Saccomani dão nova interpretação ao seu cacoete com bastante humor: “Napoleão” é de 1962:

*Napoleão era o tal que na briga
Escondia a mão e coçava a barriga
Oba, oba, oba, Napoleão
Também tinha mão boba.*

Dentro do surrealismo carnavalesco Geraldo Carneiro e Carvalhinho se esbaldaram, sem nenhum compromisso histórico em 1967 com “Maria Carnavalesca”:

*Maria Carnavalesca
Fantasiou-se de madame Waleska
E se mandou pra o Galeão
Foi pra Paris procurar Napoleão
Maria ficou louca na folia
De Waterlô... ô... ô
Nem se lembrou
Com tanto doido dando sopa no salão
É uma barbada encontrar Napoleão.*

Noel Rosa foi chamado de racista por ter composto um verso que dizia: “estou empenhado nas mãos de um judeu”. Assertiva inconsistente e pueril. Tenho observado um exacerbamento, quase atingindo a paranóia, um indesejável patrulhamento ao suposto politicamente incorreto. Daqui a pouco não se poderá mais contar anedota de português, árabe, judeu, matuto ou gay. Bocage se tornará intocável. Os ecologistas proibirão as do papagaio. Não gostar de pagode, música baiana e samba é discriminatório. Esse intróito foi feito em razão da música “O Inventor do Aluguel” de 1965 composta por Roberto Roberti, Walter Levita e Flora Matos. Ela foi citada por falar em Graham Bell, inventor do telefone, que teve em D. Pedro II seu garoto-propaganda. Com a alusão ao Samuel o trio de autores, hoje em dia, sem dúvida, levaria um processo nas costas. Ser acusado de “Inventor do Aluguel” é uma pecha bastante incômoda:

*Olha o Samuel, olha o Samuel
Foi ele o inventor do aluguel
Graham Bell inventou o telefone
O chinês inventou o papel
Tanta coisa boa pra inventar
E ele foi inventar o aluguel.*

A princesa Diana de destino trágico, era personagem onírico de Beto Xis em “Lady Diana” para o carnaval de 1983:

*Oh Lady Diana
Ontem à noite eu estava a sonhar
Que eu era o príncipe Charles
E com você ia me casar.*

“Bem-vindo Presidente Kenedy” é um decepcionante samba de Klécio Caldas e Rutinaldo para o carnaval de 1963 que não faz jús ao potencial dos dois:

*Deus salve América
Unida em destinos iguais
Deus salve Keneddy
Mensageiro de progresso e paz.*

João Roberto Kelly com provável parceria emprestada a Ângela Maria lança em 1969 “Chê, Chê, Chê” onde reverencia o sonhador e mítico revolucionário, que dois anos antes fora vítima de um dos assassinatos mais desumanos da história. O tom divertido de salada tropical deve ter sido o artifício usado pelo inteligente Kelly para se esgueirar incólume pelos labirintos da censura do governo militar:

*Chê, Chê, Chê, Chê
Estou louco por você
Sou louco por ti América
Vou levar o meu amor
Banana lá é muito mais barata
E não faz tanto calor.*

Preferi agrupar o pessoal da arte musical num mosaico próprio. Apenas um solitário brasileiro aparece. Caruso é destaque. O talentoso Wilson Batista

com Arnaldo Paes não se intimida em comparar-se aos maiores do canto lírico na marcha de 1939 intitulada “Tenor de Banheiro”:

*Pra você escutar esta marcha-canção
O meu pai gastou dinheiro
Para você me chamar de
Tenor de banheiro.
Modestia à parte
Você não “toma” de arte
Mete-me a ripa
Eleva o Schippa (5)
Chego a ficar confuso
Coitadinho do Caruso
Numa cuíca
Desacato o tal Mojica (6)
Dou dó-ré-mi-fá-sol-lá-si
E quando emito meus sons
Desacato a Lily Pons (7)*

Em 1952 ainda longe do sucesso televisivo Chacrinha gravava “A Marcha do Curió”:

*O meu curió fugiu
Fugiu o meu curió
Ai, ai, ai me deixou tão só
Ai, que saudade do meu curió.
Eu juro por Deus que não minto
Ele comia feijoada e pão de ló
O grande Caruso era pinto
Papel carbono do meu grande curió.*

Pulamos um ano e lá está o tenor italiano na marcha “Grande Caruso” de Denis Brean e Osvaldo Guilherme:

*Eu sou o Grande Caruso
Canto e não tenho rival
Mas o pessoal despeitado
Me chama de tenor de carnaval
La donna é mobile, la donna é mobile
Como é de morte um Caruso de banheiro
La donne é mobile, la donne é mobile*

Que vá pro Scala de Milão com seu berreiro.

E continuam as broncas. No “O Vizinho é do Contra” Nestor de Holanda e Fernando Lobo estão na mira em 1951:

*O meu vizinho tem mania
Do meu samba condenar
Só tolera melodia
Do Chopin ou do Mozart.*

“Chopin do Carnaval” marcha de 1970, permite a Carlos Cruz e Carlos Moraes mostrar a liberalidade carnavalesca:

*Perdão seu Jacques Klein
Mas misturei Chopin com Simonal
E ao som da pilantragem
Eu vou pedir passagem
Entrar no carnaval.
Lá, rá, lá. Lá, rá, lá.
Deixa a George Sand falar
Porque o seu Chopin
Não vai se zangar.*

A dupla reaparece em 71 com “A Marcha da Viúva Alegre”:

*Oh que saudade daquele tempo
Da opereta, do Franz Lehar
A Viúva Alegre
Vai casar de novo, meu bem
E mandou nos convidar.*

Na década de 40 duas mulheres faziam muito sucesso e foram carimbadas pelo autor carnavalesco. Josephine Baker, a cantora e bailarina americana é um exemplo de determinação e generosidade. Adotou crianças de várias nacionalidades. Discriminada em seu país acabou acolhida pela França, de onde, prestigiada, conquistou o mundo. Numa das visitas ao Brasil participou de um quadro musical com Grande Otelo onde cantavam “Boneca de Pixe” de Ary Barroso e Luiz Iglésias. A importância histórica desse número é que pela primeira vez um grupo de negros se apresentava para a elite acompanhando a dupla. Entre eles Geraldo Pereira (Autor de “Escurinho”, “Falsa Baiana” e Marçal de “Agora é Cinza”). “Bole Bole” de

José Gonçalves (ainda não era conhecido como Zé da Zilda) e Caio Ferreira explica que o remelexo não é pra qualquer um: (8)

*O bole bole que o samba tem
É que faz a gente perder a razão
Quando a cabrocha sapateia bem
A gente esquece até da obrigação
A Josephina veio lá da França
Cheia de esperança
De ir muito além
Chegou, perdeu logo o controle
Com o bole bole que o samba tem.*

Lucienne Boyer, cantora francesa surgida na década de 30 também tinha fama em nossas plagas. O cômico Lauro Borges, travestido, imitou-a cantando no filme Abacaxi Azul de 1944 uma paródia de “Tico-tico no Fubá” com o nome de “Tique-tique dans le fubé”. Sua criação “Parlez-mois d’amour” internacionalizou-se. Marília Batista e seu irmão Henrique entregaram a Araci de Almeida em 1941 a ferina e engraçada “Menina Fricote”:

*Não sei que doença deu na Risoleta
Que agora só gosta de ouvir opereta
Está cheia de prosa, cheia de vaidade,
Cheia de chiquê
Não canta mais samba
Só quer imitar a Luciene Boaiêr: “Parle moá d’amur”
(Só quer larjan, larjan, tujurs)
Não sabe ler e só quer gastar francês
E diz que despreza quem só fala português*

A arte literária também faz parte do painel carnavalesco. Em “Calúnia” de 1947 Wilson Batista e Erasmo Silva lamentam a partida da amada devido a fofoca:

*Ela vive em outros braços
E por isso se interessa
Dar ouvido ao que o povo diz
Não há vinho que embriague
Como a verdade
Estou de acordo com Machado de Assis.*

A morena Gabriela de Jorge Amado povoou o imaginário brasileiro em 1976. Max Nunes e Laércio Alves suspiravam:

*Lá vem ela
Gabriela, cravo e canela
A rua se enche de gente
Quando ela chega à janela
Com seu cheirinho de cravo
Com seu sabor de canela.*

Sem nenhuma imaginação Bob Júnior, Isnard Simone e José Brasil a incensaram na marcha “Gabriela”:

*Joga água pra apagar o fogo dela
Cuidado com a Gabriela
A Gabriela é uma curtição
Tá pegando fogo no meio do salão
A Gabriela não é cravo, é canela
Água, água, água pra apagar o fogo dela.*

O polêmico mas incontestavelmente brilhante Nelson Rodrigues leva uma bronca de Brazinha e David Raw na marchinha “Na mulher não se bate” de 64. Uma ressalva: essa terapia paleolítica receitada por Nelson “toda mulher gosta de apanhar” nem original é. O satírico Pitigrilli muito antes já dizia: não se deve bater numa mulher pois há o perigo de que se acostume e nos exija sempre”.

*Seu Nelson Rodrigues
Pára de tanto falar
Mulher que é mulher
Não gosta de apanhar
Falar da vida alheia
É coisa muito feia
Não seja linguarudo
Não seja falador
Na mulher que pra nós é tudo
Não se bate nem com uma flor*

Em 1976 ainda carrega o estigma de reacionário, mas Alipio Martins e Geraldo Barbosa são aliados quando tomam atitude no samba “Vou começar a bater em mulher”:

*Vou começar a bater em mulher
Vou começar a bater em mulher
Elas adoram
Ser maltratadas
Elas só gamam
Se um dia apanhar
Se estão certas, se estão erradas
Nelson Rodrigues é quem vai explicar.*

As obras, autores e personagens da literatura estrangeira estão muito mais documentados no arquivo da cantiga de carnaval. Wilson Batista não poderia faltar. Surge num divertido *mixed* com Arnaldo Paes. “As Pupilas do Senhor Bocage”. Um samba do crioulo doido só que muito consciente. Lançado em 1939.

*Este ano o meu cordão
Vai fazer um furor
Vem seu Bocage, Dona Severa
E as pupilas do Senhor Reitor
Alma minha gentil que te partiste
Que te partiste em boas condições
De idéia mude
Que em Hollywood (é só)
Branca de Neve e os Sete Anões.
Ó tu que tens de humano o gesto e o peito
Criaste fama, deitaste na cama
Não é mentira
Dançando o vira
O seu Cabral e o seu Vasco da Gama.*

Em 1950 Wilson Batista com Nássara exercitava sua veia literária. Todo mundo cantou “Balzaquiana”, apologético à mulher de trinta anos, inspirado no romance de Balzac. Era uma reação à popularidade do termo “broto” ou “brotinho” dado aos jovens:

*Não quero broto
Não quero, não quero não*

*Não sou garoto
Pra viver na ilusão
Sete dias na semana
Eu preciso ver
Minha balzaqueana
O francês sabe escolher
Por isso ele não quer
Qualquer mulher
Papai Balzac já dizia
Paris inteiro repetia
Balzac tirou na pinta
Mulher, só depois dos trinta.*

Só catorze anos depois veio através de Osvaldo Guilherme e Denis Brean a resposta em “Balzac Disse”, a favor das hoje “gatinhas”:

*Balzac disse que a mulher de trinta anos
É mais formosa, tem encanto e sedução
Mas se ele visse os brotinhos de hoje em dia
Ficava louco e perdia a razão
Ai balzaqueana
A vida é uma roda
Quem manda agora é broto
Balzac saiu de moda.*

Outro francês, Flaubert, teve sua heroína lembrada também em 1964 pela dupla Klécio Caldas e Armando Cavalcanti. “Salambô” mostrou que Elizeth Cardoso não era íntima de Momo:

*Ô - lê - a - ô
Só um cego não vê
Meu destino é você
Salambô! Salambô!
O que foi que eu lhe fiz
Pra perder seu amor
E viver infeliz.*

A sofrida e infeliz Marguerite Gautier, a “Dama das Camélias” de Alexandre Dumas Filho é uma personagem literária inesquecível, responsável pelo carpir de milhões. Verdi a idealizou como sua Violetta em “A Traviata”. No teatro perde-se a conta de quantas vezes foi representada. Com o cinema

mais pranteada ainda. A inspiradora de Dumas existiu por quem ele foi apaixonado. Assim a descreveu: “alta, cabelos negros, face rosada, olhos orientais e os mais belos dentes do mundo. Uma estatueta de porcelana”. Chamava-se Maria Duplessis e não tinha nada de ingênua ou romântica. Nunca quis abandonar seus amantes ricos para ficar com Dumas. Seu verdadeiro amor foi o então jovem e belo Listz. O carnaval se aliou ao celebratório. Uma das mais belas marchas de nosso cancioneiro chama-se “Dama das Camélias”, vencedora do concurso carnavalesco da Prefeitura do Rio em 1940. Os autores são Braguinha e Alcyr Pires Vermelho. Este último me contou em entrevista que na juventude se emocionara com o romance e ao assistir o filme com Greta Garbo ficou com a idéia plantada em sua cabeça. Não sossegou até colocar a melodia na pauta e levá-la ao parceiro “que ficou numa loucura total”.

*A sorrir você me apareceu
E as flores que você me deu
Guardei no cofre da recordação
Porém depois você partiu
Pra muito longe e não voltou
E a saudade que ficou
Não quis abandonar meu coração.
E a minha vida se resume
Ó Dama das Camélias
Em duas flores sem perfume
Ó Dama das Camélias.*

Em 1975 ressurgiu na “Marcha da Traviata” de Carlos Moraes:

*A Traviata, a Traviata
Tão passional, não teve paz
Amou demais
Morreu no carnaval
Foi Dama das Camélias
Lida e relida em outra versão
Mas Violeta ou Margarida
Ela foi uma mulher de coração.*

Shakespeare nos legou o mais pranteado suicídio em dueto da literatura mundial: Romeu e Julieta. A romântica cena do balcão não deixou boas recordações para o Romeu carnavalesco, personagem da marcha “Bronqueia Romeu” de 1956:

*O Romeu coitado
Passou a noite de sentinela
Apanhou um resfriado
E a Julieta não veio à janela.
Bronqueia Romeu, bronqueia
Bronqueia que eu dou razão
Aquela ingrata estragou a serenata
E te deixou na mão.*

O insípido “Romeu e Julieta” de Jackson do Pandeiro, sua então esposa Almira e Sebastião Martins surge em 1965:

*O que é meu é teu , o que é teu é meu
Tu és Julieta e eu sou Romeu
Feliz de alguém que nunca sofreu
Tu és Julieta e eu sou Romeu.*

O padrão é outro quando os compositores possuem talento e graça. Isso se evidencia em “Romeu e Julieta” de Max Nunes e Laércio Alves, gravado por Blecaute em 1975:

*Romeu e Julieta, que coisa mais careta
Mais careta, mais careta
Que coisa mais careta.
Romeu andava a pé
Nem tinha motoneta
A saia até o pé usava a Julieta
Os dois se apaixonaram
A coisa ficou preta
Então se suicidaram - Oh!
Que coisa mais careta.*

Só a vaidade justifica o empenho de certos autores em gravar (imagino que pagando) obras indigentes sem nenhuma perspectiva de êxito. É o caso de Pepino Carnale com sua “Marcha do Demo” de 1988. Entra aqui pela alusão ao Capitão Nemo, indômito herói de Júlio Verne em “Vinte Mil Léguas Submarinas”:

*Não foi por falta de aviso
Não foi por falta de alarde*

*Agora na chama do inferno
Seu corpo arde
Já dizia o Capitão Nemo
- Cuidado com o Demo.
Já dizia Pero Vaz
- Cuidado com o Satanás.*

Apesar de não se enquadrar no tema que abordamos tornou-se irresistível para mim citar outra marcha do “inspirado” Carnale. Tem o brilhante título de “Pipi Popo”:

*Seu popo no meu pipi
Seu pipi no meu popo
Meu pipi no seu popo
Meu popo no seu pipi
Pipi, popo
Popo, pipi
Pipi, popo
Popo, pipi
Ai!*

Mary Shelley nunca imaginou que seu “Dr. Frankenstein” se tornaria tão popular. No carnaval virou sinônimo de feiúra. Noel Rosa em certa época manteve um duelo musicado de alto nível com Wilson Batista, que só acabou quando este espicou o complexado Noel dizendo num dos sambas: “Boa impressão nunca se tem / Quando se encontra um certo alguém / Que até parece o Frankenstein”. José Fernandes e Miguel Baúso em “Você não é meu tipo” de 37 descrevem um bagulho capaz de assustar o monstro:

*Quando Frankenstein lhe viu
Muito assustado ele gritou:
- Você pediu licença
Pra ser feia e... abusou.*

No ano seguinte Walfrido Silva e Pedro Caetano dão uma lambada na pose do suposto galã:

*Você além de tudo é convencido
Que tem lindo olhar, que sabe conquistar
Com essa cara parece o Frankenstein
Pode desistir das pequenas também.*

Dez anos depois retorna com Gino de Moraes em “Que Medo... Oh!”:

*Sai assombração
Isso não é cara
Que se apresente em salão
Essa fachada que você tem
Causa pavor
Até no próprio Frankenstein.*

Tarzan nasceu da pena de Edgar Rice Burroughs em 1914. Quatro anos depois já estava nas telas com Elmo Lincoln, meio gorducho. Deslançou mesmo quando teve como protagonista Johnny Weissmuller, bicampeão olímpico de natação. De 1941 é “O Grito das Selvas”, marcha de Wilson Batista e Garcez. O folião, admirador do Rei das Florestas, numa atitude nacionalista resolve soltar seu berro terceiro-mundista por aqui mesmo:

*De um tapete fiz um traje de Tarzan
Você de sarong ficou um colosso
Eu vou, eu vou, eu vou
Com meu amor
Au, i i i ii é (o grito das selvas)
Nas selvas de Mato Grosso.*

Roberto Andrade e José Guimarães estavam bravos com algum desafeto e aproveitaram o carnaval para desopilar. Na marcha racista “Aquele Tipo” de 1967 não mediram palavras para comparar o “tipo” a um macaco:

*Não sou de descer o malho
Aquele tipo não é de ninguém
Só desfila nos filmes de Tarzan
Pulando de galho em galho
Desconfia orangotango
Pra você
Nem a Chita tá sorrindo.*

Os personagens da literatura infantil e juvenil têm um forte apelo, povoando e encantando o imaginário do compositor carnavalesco. Começemos com “As Mil e Uma Noites”. Dela pinçamos Simbad, o marujo. Infelizmente tenho que voltar à “Marcha do Demo”:

*Já dizia Lamartine Babo:
- Cuidado com o Diabo
Já dizia Simbad, o marujo:
- Cuidado com o DITO CUJO.*

Nelson Gonçalves era o destemido “Simbad, o Marujo” em 1953 na marcha dos competentes Haroldo Lobo e Milton Oliveira:

*Eu sou o marujo
Das Mil e Uma Noites
Mercador de Bagdá
Da briga e do mar eu não fujo
Eu sou o marujo Simbad.*

Bem bolada é a marcha de Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti para o carnaval de 1937, “Ali Babá”:

*Ali, Ali Babá, Ali, Ali Babá
Ali Babá e seus quarenta ladrões
Formaram um bloco iaiá
Pra dançar uma quadrilha nos salões
Achei a chave, a chave do tesouro
Que há muito tempo eu vivo a cobiçar
É só dizer baixinho ao seu ouvido
ABRE-TE SÉZAMO que eu quero entrar.*

É desmoralizado em 1940 por J. Cascata e Haroldo Lobo que lhe dão um chega pra lá em “Ali Babá num Pangaré”:

*Ô, ô, ô, aí vem o Ali Babá
Ô, ô, ô, Ai meu Deus o que será
Ele vem na frente montado num pangaré
Vem sem capa e sem culote
De cabelo a buscarré (9)
Si ele vem com aquela papa
Que a pedra tem que abrir
Oh meu velho Ali Babá
Vá pra casa dormir.*

Recebe o apelo de Magda Santos e José Saccomani em 1952. Se atendeu frustrou-se. A turma continua enchendo as algibeiras, metendo a mão, até hoje:

*Ali, Ali, Ali, Ali Babá
Ali, Ali, Ali venha pra cá
Você matou quarenta ladrões
Mas aqui tem aos milhões.*

Aladim luziu com sua lâmpada que virou “Lanterna de Aladim” na concepção de Haroldo Lobo e David Nasser. Faltou uma luzinha de inspiração aos experientes compositores. A fracota marchinha foi gravada por Araci de Almeida para o carnaval de 1950:

*Eu procurei mas achei
O amor que perdi em Bagdá
Ó Alá, Ó Alá
Não adianta fugir de mim
Até em Pequim eu vou te buscar
Tenho a lanterna que foi de Aladim
E tudo eu posso encontrar.*

Isaurinha Garcia manda uma mensagem em “Aladim” de Herivelto Martins e Raul Sampaio, propondo uma permuta tentadora em 1951:

*Muita gente não conhece o Aladim
E sua lâmpada maravilhosa
Dessas lâmpadas que não se encontram em armazém
Que só ele tem
Só ele e mais ninguém
Ó egoísta oriental
Eu sou um Aladim de carnaval
Tenho uma lâmpada de funileiro
Porém lhe falta o gênio feiticeiro
Aladim, Aladim
Vem trazer esse tesouro para mim
Em troca lhe darei no outro carnaval
Uma cabrocha, um pandeiro e um tamborim.*

D. Baratinha é um dos mais populares contos infantis e não poderia escapar do rol carnavalesco. Os interesseiros candidatos a desposar a nova-

rica são descritos por Max Bulhões e Felisberto Martins numa marcha de 1940: “A Baratinha”.

*A baratinha, baratinha
Viuvinha original
Ao varrer sua casinha
Encontrou o vil metal
Ficou pasmada
Pensou logo em namorar
Foi dizer à bicharada
Que queria se casar
Não quis Romão
Por fazer miau, miau
E o vira-lata
Por ser um cachorro mau
Gostou do pato
Do marreco e do peru
Mas fugiu com o rato-rato
Que roeu o meu baú!*

Para Antonio Almeida a emergente preferiu a solteirice. Como a composição anterior perdeu-se um bom tema numa letra quilométrica e tola. Com razão ninguém a cantou em 1950:

*A baratinha ao varrer sua casinha
Achou um níquel de tostão
Lá no fundo do quintal achou um outro
Depois mais outro
E juntou uma porção
E a coitadinha, que vivia tão sozinha
Saiu a procurar
Quem queria se casar
Quem quer casar comigo, oi quem quer
Quem quer casar
Como é que você faz leão? Ú, ú, ú
Como é que você faz peru? Glu, glu, glu
E a pobre Baratinha então
Chegou à conclusão
Que o casamento não é negócio não!
Desanimada resolveu se conformar
Pra viver em paz*

O melhor é não casar.

Zilá Fonseca, Adilson Silva e Aloisio Vinagre em 1966 foram fiéis à história (Nunca entendi como com um final tão catastrófico foi uma das favoritas do público infantil):

*Coitada da Baratinha
Achou tanto dinheiro
Foi guardando na caixinha
Ela arranhou um casamento
Casou com João Ratão
Mas ele era guloso
Morreu no caldeirão de feijão.*

“A Bela e a Fera” é contada com humor por Júlio Cesar, José Roy e Moreira da Silva em 1964:

*A Bela e a Fera
Foram no bosque passear
Veio um caçador, caçou a Bela
E a Fera ficou sem par
Até hoje a Fera espera
Aquela que era o seu amor
Mas A Bela está cheia de alegria
Gostou da pontaria
Do caçador...*

Gilles De Montmorency, marechal de França. Um ilustre desconhecido. O escritor e arquiteto francês Charles Perrault tirou-o do anonimato. Pesquisadores não têm dúvida que o conto “Barba Azul” inspirou-se nas peripécias deste abastado nobre. O cara não era de brincadeira. Matou sete esposas por achá-las excessivamente curiosas. Andou também fazendo churrasquinho de crianças em seu castelo. Acabou condenado à morte, queimado vivo. O carnaval não deixaria escapar personagem tão rico. Oswaldo Santiago parece invejar o sucesso do barbado junto às mulheres, torcendo para que leve umas bordoadas na marcha de 40:

*Você tem uma na zona norte
Você tem duas na zona sul
Enganar todas é seu esporte
Barba Azul! Barba Azul!*

*Seria bom você levar
Um bofetão, uma lição
Pra dar valor ao amor
Inda hei de ver
Seu Barba Azul
O pau comer nas suas barbas
E arder!*

Nássara e Roberto Martins fazem uma alerta em 1951 contra o perigoso barbudo:

*Garotas da zona norte
Garotas da zona sul
Quem tem um santo forte
Cuidado com o Barba Azul
Barba Azul fugiu de Paris pra cá
Cansou de matar por lá
Beijou, gostou, casou, matou
Quem teve sorte escapou.*

Perrault não ficou por aí. Emplacou outros sucessos. “A Bela Adormecida” é um exemplo. Os sempre hospitaleiros carnavalescos acolheram-na na marcha de 1976, criada por Isnard Simone e Milton Damazio:

*Eu acordei a Bela Adormecida
Abriu os olhos que eram lindos de morrer
Quando me viu ficou logo apaixonada
Por isso agora não quer mais adormecer.
Ela tem beleza natural
Diz que acordou e quer brincar o carnaval.*

Mas ficou mesmo com a bola cheia com Cinderela. Enriqueceu um bocado de gente que bebendo em sua fonte fizeram filmes, escreveram lacrimosos livros e novelas de rádio e TV, onde as sonhadoras mulheres continuarão sempre à espera de um príncipe pelo menos remediado. Avaré de Menezes, Ercílio Consoni e Aristóteles Silva em 1968 contam a história em poucas palavras:

*Cinderela, Cinderela
A Gata Borralheira*

*Não queriam que ela fosse ao baile
Mas ela foi de qualquer maneira
Depois fugiu do salão apressada
Perdeu o sapatinho na escada,
E a história teve seu final
Com a Marcha Nupcial.*

Bem feita é a letra de “Cinderela do Morro” de Dewett Cardoso e Jonas Garret para o carnaval de 1968. Cantada com enorme competência pela já então inexplicavelmente relegada Linda Batista, não foi notada:

*Cinderela lá no morro
É a lavadeira Maria
Lava roupa, passa roupa o ano inteiro
Pra ser princesa do carnaval brasileiro.
Chuí, chuí, chuí
Quanto esplendor naquele vestido de prata
Maria é destaque da noite multicolor
Mas quanta água, doutor, carregou
O morro vai sonhar quatro dias
E a Cinderela volta a ser Maria.*

Já em 1976 juntam-se quatro: José Costa, Gilberto Montenegro, Jean Pierre e Arga, que desperdiçaram, para produzir algo tão pífio como “Boa Noite Cinderela”:

*Boa Noite Cinderela
Vim te buscar pra brincar o carnaval
Esta noite Cinderela
Você é minha convidada especial
O baile no castelo vai até romper o dia
A Gata Borralheira vai rasgar a fantasia.*

Os Irmãos Grimm, filólogos alemães, coletaram pacientemente lendas, durante 13 anos, que denominaram “Contos de Fadas”. Não conseguiram editar e escreveram a um amigo já desesperançados: “Se puderes persuadir algum editor a publicar os contos infantis que colecionamos, peço-te que o faças. Estamos dispostos a renunciar a qualquer retribuição. Pouco importa que o papel seja bom ou ruim”. Entre as histórias recusadas estavam Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho. Os irmãos foram descritos como pessoas soturnas que levavam uma vida insípida, sem nenhuma convivência com

crianças. Os Estados Unidos volta e meia surpreendem com seu falso moralismo conservador. Na cidade de Empire a história do Chapeuzinho foi banida das escolas. Não é piada. O argumento foi que ela “induzia ao alcoolismo” porque na cesta que a garota levava para a avó além de frutas e doces, havia uma garrafa de vinho. Foi muito popular no carnaval. “Marcha do Lobo Mau” é de 1966, composta por Célio de Almeida e Marisa Innocenti:

*Ai se eu fosse o Lobo Mau
Veja você
Convidava o Chapeuzinho Vermelho
Pra dançar o Iê, iê, iê.
Eu sou o Lobo Mau
Lobo Mau, Lobo Mau
Quero um brotinho
Pra brincar no carnaval.*

Pouca inspirada como “Chapeuzinho Vermelho” de B. Lobo e J. Nunes:

*Chapeuzinho Vermelho
Olha o Lobo Mau
Ele quer te pegar
Pra fazer mingau.*

Plágio descarado é a marcha “Lobo Mau” lançada em 1971 por Alfredo Borba e A. Gomes:

*Eu sou o Lobo Mau
Lobo Mau, Lobo Mau
Eu quero um brotinho
Pra fazer mingau.*

O fascínio do conto merecia mais originalidade. Brazinha, um compositor consagrado e Emilinha a criadora não tiveram nenhum constrangimento ao surgir em 1973 com “Chapeuzinho Vermelho”, um descartável:

*Chapeuzinho Vermelho
Cuidado com o Lobo Mau
Se ele lhe pega, menina
Lá se vai seu carnaval*

*A mamãezinha mandou você
Levar bolinho pra vovozinha
Você foi pro mato apanhar florzinha
Aí, chegou o Lobo Mau
E lá se foi seu carnaval.*

“Seu Lobo Taí” do maestro Pernambuco e Tito Mendes com Carequinha esganiçando é dispensável:

*Seu Lobo é um bobo
Paquera o meu amor
Espingarda a tiracolo
Lá vou eu (pum) de caçador.*

Quando se cobra de compositores mais credenciados passagens inexpressivas pelo carnaval, saem pela tangente justificando que “foi apenas uma brincadeira”. Como dizia o Chacrinha, com sabedoria “tudo se copia”. A marcha “Lobo Mau” de 71, já era carbono e a antecessora, por sua vez, sugara de composição homônima de Braguinha e Antonio Almeida apresentada no carnaval de 1951:

*Eu sou o Lobo Mau, Lobo Mau, Lobo Mau
Eu pego esses brotinhos
Pra fazer mingau
Hoje estou contente
Vai haver festa
Tenho um bom brotinho
Pra encher a minha pança.*

Em “Branca de Neve”, marcha de 1939, Benedito Lacerda e Herivelto Martins, vejam o que faz o amor, assumem o nanismo e ainda solicitam uma tarefa bem pesada à cegonha:

*Oh minha Branca de Neve
Eu hei de ser o teu anão, anão, anão
E se tu fores da mesma opinião
Te darei um castelo
Dentro do meu coração
E mais tarde princesinha
Pra evitar complicações
Eu pedirei a uma cegonha*

Que me venha trazendo os sete anões.

Benedito Lacerda gostou do tema. No mesmo ano com Angelo Delatre compõe “Os Sete Anões” onde critica uma musa insaciável:

*O que você diz não se escreve
Porque traz complicações
Você não é Branca de Neve
E quer mais de sete anões!*

A fábula da cigarra e a formiga foi reciclada por José Maria de Abreu e Francisco Matoso no carnaval de 1938, em “Duas Cigarras”:

*Uma cigarra
Vivendo na farra
Sempre cantado lá, lá, lá, lá
Ficando pobre
Pedi o “cobre”
A uma formiga má.
A cigarra implorou: me dá cá... me dá cá!
E a formiga falou: toma lá... toma lá,
Você quis farrear
Você soube cantar
Vai agora dançar!
E você também farreou... farreou
Sem lembrar de alguém que lhe amou... que lhe amou
Se hoje me procurar
Para eu lhe ajudar
Não vai me encontrar
Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá.*

Jonathan Swift foi uma figura polêmica. Político, religioso, poeta, ensaísta, sempre em riste. Satirizou a sociedade inglesa e fez um libelo contra a humanidade no seu livro mais famoso: “As Viagens de Gulliver”, que surpreendentemente se popularizou como literatura juvenil. Sá Roriz e Alcyr Pires Vermelho embarcaram na versão cor-de-rosa em 1935 com “Um Sonho que Viveu”:

*Num sonho que eu sonhei
Em Lilliput me encontrei
Na terra dos anões*

*Que bela vida eu passei
Era uma gente gozada
E logo em torno de mim
Os anõezinhos pulando
Alegres cantavam assim:
Trá, lá, lá, lá, lá, lá.*

Pinóquio é eterno. A obra de Collodi era considerada uma obra prima, um clássico por Italo Calvino. Em 1980 num simpósio na Itália chegou a ser apresentado como uma alegoria da vida de Jesus. A marcha “Pinóquio” de Avaré gravada em 52 pela dupla sertaneja Xerém e Bentinho é pouco consagrada:

*Eu sou o Pinóquio
O boneco que é feito de pau, pau, pau
Eu sou o Pinóquio
Quem me fez foi seu Nicolau, lau, lau, lau
Falo papai, falo mamãe
Toco até berimbau.*

Das obras nacionais apenas localizei a marcha absurda de 1951 “Cri-Cri”, onde há referência ao Marquês de Rabicó, nobre leitão, personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo:

*Fui passar o carnaval lá na fazenda
Do marquês de Rabicó
Muita dança, meu bem
E pif-paf também
E café com leite em pó.*

As figuras do esporte também atraíram os criadores carnavalescos. Um exemplo é a “Marcha do Golpe” de Antonio Almeida e Frazão de 1956. Cita Hélio Gracie e Waldemar. Hélio foi o introdutor com seu irmão Carlos do jiu-jitsu no Brasil. A terceira geração continua com destaque. São campeões mundiais de luta e prestam assessoria nos filmes do imbatível Van Damme. Waldemar Santana, um negro parrudo, foi cria dos Gracie. Mais tarde desavieram-se e desafiou Hélio para um embate sem número de rounds nem tempo fixados. Houve enorme cobertura da mídia, sacudindo o país todo. Durou horas, até que Hélio, com metade do peso se rendeu exaurido:

Você quis me dar um golpe

*Mas eu soube me esquivar
Já lutei com Hélio Gracie
Já briguei com Valdemar.*

O Brasil é carente de ídolos. Eder Jofre manteve em alta a auto-estima do povo com sua garra e técnica extraordinárias. Mauro Barcelos e Glauco Ferreira festejam seu título em “O Galo de Ouro”, marcha lançada em 1961:

*Viva o Galo de Ouro
Viva o nosso campeão
Viva o lutador Eder Jofre
Que voltou com o título na mão.
O mundo inteiro vibrou
Com a sua atuação
Foi o Brasil quem ganhou
Mais um título de campeão.*

Porém o catalizador de emoções é mesmo o futebol. Os craques se transformam em pessoas especiais, acima do bem e do mal, adorados mesmo quando transgressores. Quando surgiu entre nós, em 1894, era elitista, cheio de Pullens, Murrays e outros gringos, mesclados a poucos brasileiros ricos e alvos. A democratização deu sinais de vida em 1919 com o aparecimento de um jogador genial, mulato claro, filho de alemão. Com Friedenreich eclodia o primeiro ídolo tupiniquim. Foi, entretanto, apenas um alento. Em 1921 o presidente Epitácio Pessoa manifesta-se contra a presença de “cidadãos de cor” na seleção. Oswald de Andrade o acusava de alienante: “Quem negará ao futebol esse condão de catarse circense com que os velhos sabidos de Roma lambuzavam o pão triste das massas”. Não se poderia esperar outra coisa do escritor que apregoava ser a estupidez “a suprema expressão de brasilidade”. Mas entre os letrados havia entusiastas como Gilberto Freyre: “O futebol brasileiro é uma forma de dança em que a pessoa se destaca e brilha. O mulato brasileiro deseuropeizou o futebol, dando-lhe curvas arredondadas e graça de dança”. Manuel Bandeira era torcedor e criticava chamando de araras (hoje seriam babacas) os posudos que não percebiam “que esses movimentos coletivos hão de por força ter um significado mais profundo do que aparentam”. A citação de astros do futebol na MPB é antiga. O belíssimo choro de Pixinguinha 1x0 foi dedicado em 1919 ao já citado Friedenreich que marcou o gol da vitória no campeonato sul-americano. Leônidas, o inventor da acrobática bicicleta, que batizou o famoso chocolate Diamante Negro aparece em várias obras. Zizinho, Perácio, Tim, Carreiro, Russinho e outros, idem. Mas estamos falando de carnaval e neste os personagens tomaram

impulso após a conquista da Copa de 1958, na Suécia. Às vezes pingava alguma coisa como em 1946. Um dos ídolos do Vasco era Lelé. Wilson Batista, flamengo doente, com Garcez estourou na voz da Linda Batista a marcha “Boteco do José”. Há pouco tempo o Vasco reuniu velhos jogadores para uma homenagem. Lelé ganhou de presente uma fita com a música e chorou:

*Vamos lá que hoje é de graça
No boteco do José
Entra homem, entra menino
Entra velho, entra mulher
É só dizer que é vascaíno
Que é amigo do Lelé.*

Em outras ocasiões apareciam em grupo. Paulo Sammariano em 1960 esnoba os marmanjos em “Jogo de Vedetes”:

*Acabou o cartaz de seu Mané
E do Belini nem se fala mais
Acabou o cartaz do seu Pelé
E o Didi nem saudade faz.
Agora o cartaz é das Conchitas
Que tem pernas bonitas
Pra gente ver
E o juiz escuta o que não quer
Quem mandou se meter em jogo de mulher.*

Antes de ser “dissolvido” do comando da seleção de 1970, por ter se recusado a convocar o jogador Dario, preferido do presidente Medici, João Saldanha era louvado por Armando Castro, Nilsen Ribeiro e Natal de Lima na marcha “Com Olé, ou Sem Olé”:

*Com Saldanha não tem olé
Porque tem Tostão, porque tem Pelé
Com as feras não há quem possa
Com olé ou sem olé a Copa é nossa.*

Após a vitória em 1971 Pilombeta e Rouxinol se aproveitam para praticar o puxa-saquismo explícito:

Lá na capital Asteca

*Quase morri de emoção
Vendo as morenas gritando
Brasil é tri campeão
Aí Pelé, aí Tostão
É da terra do café
É da terra do algodão
Bem falou meu presidente
Esse país é pra frente
Ninguém segura essa gente
Ninguém pára essa nação.*

O enfermeiro preencheu a guia para o IML. Nome: Manoel da Silva. Nacionalidade: desconhecida. Era dia 20 de janeiro de 1983. Findara-se corroído pela cirrose aquele que uns diziam “chapliniano” e outros chamavam de “Anjo Torto”. Na verdade o cidadão chamava-se Manoel dos Santos e tinha um apelido que o projetara no mundo: Garrincha. A “Alegria do Povo” não poderia faltar no festivo carnaval. Wilson Batista, Jorge Castro e Nóbrega teciam justo panegírico em 1959 na marcha “Mané Garrincha” gravada por Angelita Martinez:

*Mané Garrincha, Mané Garrincha
Até hoje meu peito se expande
Mané que brilhou lá na Suécia
Mané que nasceu em Pau Grande
Não é só café
Que nós temos pra vender
Brilha, brilha Mané
Para o mundo inteiro ver.*

Em 1964 Edson de Oliveira e Francisco Oliveira fazem referência ao romance com a cantora Elza Soares: “Tutuca da Sambista”:

*Ga-Ga-Ga Garrincha
Agora é o tutuca da sambista
Ele é bom jogador
Trocou tudo por amor
Ga-Ga-Ga Garrincha (etc)*

Ao insuperável Mané só se ombreia o insuperável Pelé. Alguns cronistas acreditam que a indigestível notoriedade do “Atleta do Século” espoliou emocionalmente Garrincha no seu ostracismo. Foram muito

diferentes menos na genialidade e na completa indiferença pela política. Pelé sempre enfatizou que esporte e política eram insolúveis. Dentro dessa concepção jogou no auge da segregação racial em países colonizadores e em festividade patrocinada pela ditadura de 64. Até então se mostra coerente. Inesperadamente algo modifica seu metabolismo e dá uma bombástica declaração de que o brasileiro não sabe votar. Sobe em palanque apoiando um candidato a prefeito em Santos. Por fim aceita ser ministro. Bem, voltemos ao carnaval e ao futebol. Em 1961 Álvaro Matos, Delfim Gonçalves e Sebastião Veral proclamam sua atividade de garoto-propaganda na marcha “Pelé”:

*Pelé... Pelé... Pelé... Pelé...
Bota a pelota no centro
Agora vai vender café.
O mundo é uma bola
Que gira no ar
Platéias imensas
O teu nome a chamar.*

Wilson Batista, Jorge de Castro e Luiz Wanderley compõem a marcha “Rei Pelé” que ainda faz referência à sua militância como propagandista do IBC (10) e nem imaginavam que maus negócios o levassem a encerrar a carreira em 1977 nos Estados Unidos, sem nenhuma tradição futebolística. A obra é de 1962:

*Mamãe me leva no Maracanã
Numa tarde linda de sol
Quero ver, eu quero ver
Um rei jogar futebol
Rei Pelé vamos tomar um café (bis)
Rei Pelé que brilhou na Suécia
Rei Pelé fez sucesso no Uruguai
Rei Pelé mora em Vila Belmiro
Rei Pelé do Brasil não sai.*

“Rei Pelé” de Nelson Sampaio apesar do entusiasmo em 1966, não conseguiu sacudir nossa bisonha seleção enviada à Inglaterra. Observem o primeiro verso que é um primor:

*Carnaval de AMOR VIRIL
Vibra a torcida com fé!
Pelo tri para o Brasil*

*Com rei Momo e rei Pelé.
Vai lá Pelé
Bola na rede
Apanha Zé (Pois é...)
Quero ouvir Mister John Bull
Exclamar sonoro e belo
Black King Wonderfull
Sangue azul, verde-amarelo!*

A decisão de se afastar da seleção preocupava os brasileiros em 74, ano de Copa. Minino Jim e Doca repassaram isso para o samba “Volta Pelé”:

*Palavra de rei (eu sei)
Não volta atrás
É o povo quem quer
Olha o povo chamando
Volta Pelé
São 100 milhões de brasileiros
Esperando pela sua solução
Venha nos tirar dessa agonia
Na seleção você é uma garantia
É o povo quem quer.(12)*

Encerro com outro craque inesquecível e carismático: Tostão. “Marcha do Tostão (Mr. Money)” de Nelson Castro e Álvaro Matos o valorizava em 1970:

*Mister Money!
Tirei o seu cartaz...
Libra esterlina?
Tostão vale mais!
Oh Minas Gerais
Passa a bola, não rebola
Pelé tabela com Tostão
Se o goleiro larga a bola
Gol da seleção!*

ADEREÇOS

1 - Parati: aguardente famosa fabricada em Parati, antigo Estado do Rio. Tornou-se sinônimo de cachaça.

2 - Maria Severa, famosa cantora portuguesa, dona da mais famosa casa de fados em Lisboa, onde Amália Rodrigues surgiu.

3 - Cavalo de criação nacional, vencedor do primeiro Grande Prêmio Brasil em 1933.

4 - Accioly Netto em seu livro “O Império de Papel” conta que nunca existiram as polegadas fatídicas. Foi tudo uma combinação entre os jornalistas presentes em Miami , liderados por João Martins de “O Cruzeiro” para justificar a decepção com a derrota. Ninguém nunca abriu o bico e o Brasil todo acreditou na falta de gosto estético do juri.

5 - Zarur após sua entrega religiosa, tornou-se um furibundo cruzado, investindo contra a para ele, dissipação carnavalesca. Eis trechos de seu “Poema do Carnaval” capaz de causar arrepios aos cultores da folia:

*Que devemos nós pensar
De uma nação que cultua
O deus torpe do deboche
Pois o Brasil ainda é
O país ideal de Momo
Até quando, Catilina?
Que faremos nós agora
Na ressaca da miséria
Sem saúde e sem vergonha
Sem razão para lutar
Pelos direitos sagrados?
Suicidêmo-nos irmãos...
E esta raça brasileira
Conduzida por foliões*

*Decompõe-se, desagrega-se
Atirada ao lodaçal
Das infâmias infinitas
Desse abjeto carnaval.*

6 - Tito Schippa: famoso tenor italiano.

7 - José Mojica: tenor mexicano. Astro de cinema. Deixou a carreira no auge para abraçar a vida religiosa.

8 - Lily Pons: destacada soprano lírica.

9 - A primazia é dada por outros estudiosos a Silvío Caldas que teria apresentado, em temporada sua, no palco do Golden Room do Copacabana Palace, um grupo de ritmistas negros capitaneados por Cartola.

10 - Cabelo buscarré: cortado rente.

11 - IBC - antigo Instituto Brasileiro do Café.

12 - Pelé em setembro de 99 declarou num programa de TV que não disputou a Copa de 74 em protesto contra as torturas do regime militar. Só que três anos depois (1977) ele fazia propaganda pelo mundo da estatal Interbrás. Dá pra acreditar no Rei?

A CIÊNCIA EM MARCHA

As conquistas da ciência, suas vitórias e fracassos, não escaparam das pesquisas atentas dos repórteres carnavalescos.

Na década de 20, Dr. Voronoff, médico russo, anunciava ao mundo seu experimento. Podia rejuvenescer as pessoas transplantando-lhes glândulas de macaco. Eduardo Souto em 1927 abordou o tema:

*Não há mais velhos no mundo
Depois da tal descoberta
Não há ninguém mais caduco
Agora a escrita está certa.
Se acaso um velho casava
Há poucos anos atrás
O povo logo gritava
Não pode! Não é capaz!
Há velhos que andam correndo
O dia todo no mato
Os bichos andam com medo
Macaco é que paga o pato.
Ai, ai, ai, ai
Que farra, que regabofo (1)
Ai, ai, ai, ai
Que fez o seu Voronoff!*

Em 1929 ainda repercutia. O iniciante Lamartine Babo, já competente, com João Rossi, se diverte em “Seu Voronoff”:

*Toda gente agora pode
Ser bem forte, ser um “taco” (2)
Ser bem ágil como um bode
E ter alma de macaco
A velhice na cidade
Canta em coro a nova estrofe
E já sente a mocidade
Que lhe trouxe o Voronoff
Seu Voronoff, seu Voronoff
Numa grande operação*

*Faz das tripas coração
Operado foi na pança
Um velhote com chiquê
Ele vai virar criança
Das cartilhas do ABC
Um sujeito que operou-se
Logo após sentiu-se mal
Voronoff desculpou-se...
... Que houve troca de animal.*

“Praga de Macaco” de João Morena comenta as marotagens de um transplantado:

*Um velhote gaiteiro (3)
Foi fazer a operação
E foi o primeiro
Que caiu na tentação
Mal entrou na faca
Quis cair na fuzarca
E sabe Deus que coisas
Fez o maganão!... (4)
Dizem que o velhote
Quis bancar o chimpanzé
Fez o garnizé
No galinheiro do quintal
Mas o macaco tinha feito um candomblé
Foi um fuzuê
Que deu com ele no hospital
Praga de macaco
É pior que de madrinha
E foi um buraco
Porque o velho ainda tinha
Tinha uma esperança
De tornar-se criança
E de tirar os seus fiapos
Como um taco.
Mas o Voronoff
Enxertou no velho o bofe
E deu o fora
Pra evitar perseguição
Já foi embora*

*E o velhote está perdido
Doutor sábio
Que deixa a gente na mão.*

Apesar de não ser carnavalesca, vale a pena registrar “Minha Viola”, primeira composição de Noel Rosa, uma embolada:

*Eu tive um sogro
Cansado dos regabofe
Que procurou o Voronoff
Doutô muito creditado*

E andam dizendo

*Que o enxerto foi de gato
Pois ele pula de fato
Miando pelos teiado.*

Em 1929 chega ao Brasil com estardalhaço o médico espanhol Dr. Assuero, capaz de realizar miraculosas curas com seu toque. A Revista da Semana de 29 de junho de 1929 assim o recebeu: “O professor Assuero, ilustre médico espanhol, traz consigo o segredo de curar e de vencer a morte. O nome do Dr. Assuero corre mundo aurerolado e murmurado entre bençãos”. Foi um prato cheio para o teatro de revista que o mostrava em seus esquetes. Luiz Nunes Sampaio, o Careca, e Lamartine Babo, incrédulos avacalharam com o prestigiado esculápio na marcha “O Toque do Assuero” de 1930. É uma delícia a letra. Divirtam-se: (5)

*Me proteja ó Senhor
Desses toques, por compaixão
Uma zinha que não tinha braço
Pregou-me um bofetão...
Seu Doutor queira explicar
O preparo do tempero
Eu não vou Seu Assuero
Nessa coisa de tocar
Veja lá, sou carioca
Que não morre de careta
Nem me passo prá potóca
Nem pra toque de corneta.
Lá na casa do Gouvêa
Numa rua do Encantado
Por tocar na perna alheia*

*Um sujeito foi tocado
O Gouvêa cabra justo
Corta as pernas do freguês
E o pernetá, só com o susto
'Stá correndo há mais de um mês.*

É incrível como a busca da juventude eterna continua um sonho inesgotável. A ciência persegue esse Shangri-lá sem esmorecer. Pesquisadores da Universidade do Texas isolaram uma enzima que introduzida em células normais provoca indefinidamente a reprodução das mesmas, evitando o envelhecimento. Pena que hoje não há nenhuma possibilidade de tão auspicioso fato ser cantado numa composição carnavalesca.

Vinte anos depois a terceira idade se alvoroçava com a notícia divulgada pela imprensa sobre a descoberta de um soro com o mesmo efeito. A afinada dupla Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, em 1950 dá para Linda Batista gravar “O Soro e os Velhinhos”:

*Quá, quá, quá, quá
O soro vai ser um maná
Os velhos, velhinhos
Vão ser outra vez brotinhos.
Tem velho assim na fila
Doidinho pro soro chegar
Cansado e aposentado
Querendo outra vez brilhar.*

Vitor Jr. e Wilson Ferreira não fazem boa previsão quanto à chegada do afrodisíaco em “O Soro vem Ai”:

*Vai haver miséria
Se o caso do soro for notícia séria
Vamos ter confusão
Os velhos vão voltar a bancar o gavião.*

Pelos anos 60 o ipê-roxo foi decantado como panacéia. Curava tudo. Elzo Augusto, Rodrigues Filho e Gentil de Castro exageraram transformando-o até em musa:

*Garota do ipê
Eu vou pular com você*

*Se você chegar roxinha
No meu carnaval.*

O impacto da descoberta da penicilina foi inspirador. Os sempre argutos Klécio Caldas e Armando Cavalcanti chegam a sábia conclusão na “Marcha da Penicilina” (6):

*Penicilina cura até defunto
Petróleo bruto
Faz nascer cabelo
Mas ainda está pra nascer
O Doutor
Que cure dor de cotovelo.*

Nássara e Roberto Martins também tem queixas em “Obrigado Doutor” de 1950 (7):

*Ai, doutor
Penicilina não resolve um mal de amor
Nem vitamina dava jeito à minha dor.
A medicina não me ajudou.*

O uso indiscriminado atual, de complexos vitamínicos, já era em 1942 desacreditado por Amaro Silva, Djalma Mafra e Domicio Augusto na marcha “Vitaminas”:

*O meu pai trabalhou tanto
Que eu nasci cansado
Tomei vitamina “A”
Tomei vitamina “B”
Tomei vitamina “C”
Mas não tive resultado
Mas finalmente me ensinaram
A vitamina “D”
Mas qual o quê, mas qual o quê
Dessa maneira
Eu já sei que vou morrer*

As epidemias não deixaram de ser focadas. Em 1903 a peste bubônica grassava aterradora. Oswaldo Cruz está determinado a sanear o Rio. Parte para uma batalha ingrata de extermínio dos ratos. A Saúde Pública estimulou

a caça e os comprava. Já aparecia a figura do atravessador que com um saco às costas gritando “rato, rato” os adquiria e revendia ao órgão público. Casimiro Rocha e Claudino Costa pinçaram o tema:

Rato, rato, rato
Por que motivo tu roeste o meu baú
Audacioso e malfazejo gabiru (8)
Rato, rato, rato
Eu hei de ver ainda o teu dia final
A ratoeira te persiga e consiga
Satisfazer meu ideal.
.....
Quando a ratoeira te pegar
Monstro covarde não te ponhar a gritar
Por favor
Rato velho, descarado, roedor
Rato velho como tu faz horror
Nada valerá o teu qui-qui
Tu morrerás e não terá quem chore por ti
Vou provar-te que sou mau
Meu tostão é garantido
Não te solto nem a pau.

Segundo Edigar de Alencar a medida foi suspensa porque espertalhões começaram a criar ratos e colocar no meio dos vivos bichos falsificados de papelão e cera.

Em 1918 foi a vez de Caninha alertar contra a “Gripe Espanhola”:

A espanhola está aí
A coisa não está brincadeira
Quem não tiver medo
Não venha mais à Penha.

Quarenta anos depois espalha-se a gripe asiática. Os sambistas Popó e Doca sabem como enfrentá-la e garantem: “Essa não me pega”:

Essa não me pega
Não me pega não
Eu bebo Caracu
Misturada com limão.

Outra receita é a de Nilo Sérgio, Blecaute e Oswaldo França no carnaval de 1958. O “General de Prontidão” não receia ser enquadrado:

*Meu bem
A asiática não mata ninguém
Vamos sambar
Estou de prontidão
Bebendo cachaça
Cachaça com limão.*

Não é de hoje que os laboratórios adoecem nossos bolsos. Altamiro Carrilho denuncia em “O Preço da Gripe” com seu parceiro Miguel Gustavo, em 1958:

*Deixei de espirrar
A gripe teve fim
Mas o meu bolso
Passou a espirrar por mim.*

Ainda em 1958 Santos Garcia na marcha “Psicose” indica uma medicação bem peculiar:

*Sebastiana está com psicose
Tem coceira braba
Diz que é micose
O que ela tem está na cara
É um bruto “Já começa”
Quando começa não pára
Pra se livrar do reco-reco perene
Só caco de telha com banho de querosene.*

O estresse dos tempos modernos enerva os compositores Otolindo Lopes, Arnô Provenzano e A. Michilis no carnaval de 65. “Neurose de Mulher” é estímulo ao assédio.

*Doutor me dê um calmante
Meu estado é excitante
Eu tenho neurose de mulher
Não posso ver mulher sambar
O nervoso me sobe pra cabeça
Eu fico com vontade de agarrar.*

Por volta de 1959 os jornais noticiam que a ingestão de carne bovina, onde foi usado certo tipo de hormônio, é passível de adamar os machões. Paquito, Romeu Gentil e José Gomes fizeram sucesso com “Boi da Cara Preta”, uma incursão vitoriosa de Jackson do Pandeiro:

*Olha o boi da cara preta
Olha o boi da cara preta.
Coitado do Valdemar
Tá dando o que falar
Comeu carne de boi, falou fino
E deu pra se rebolar.*

Os “neuróticos” Otolino e Arnô estavam assustados: exclamando “Eu, Hein Boi”:

*Boi, boi, boi
Eu não quero nem de quebra
Quem come sua carne
Fala fino e se requebra.*

Em 1967 a ciência deu um um salto notável. Dr. Cristian Barnard, médico sul-africano, fez o primeiro transplante de coração. J. Nunes e Dom Jorge previam consequências. “Coração de Jacaré” desanca com a sogra em 1969:

*Trocaram o coração de minha sogra
Puseram o coração no jacaré
Sabem o que aconteceu?
A velha se mandou
E o jacará morreu.*

Outra troca que não deu certo: “Coração de Gato” de Jararaca e Walfrido Silva de 69:

*Botaram um coração de gato
No peito da Guiomar
De dia procura rato
De noite só quer arranhar.*

Os angustiados torcedores Manoel Ferreira, Ruth Amaral e Gentil Jr.

apelaram mas parece sem resultado o “Transplante de Corintiano”:

*Troquei o coração
Cansado de sofrer
Ai doutor, eu não me engano
Botaram outro coração corintiano.*

O apelo agora é de Job Silva, Atella e Lernia ao nosso pioneiro, Dr. Zerbini: É a “Cirurgia do Amor”:

*Doutor! Ai, ai doutor. Doutor Zerbini
Eu lhe peço um favor
Faça o transplante do meu coração
Que coitadinho está morrendo de dor.*

Os infalíveis Otolindo Lopes e A. Michilis estão na fila pedindo: “Doutor, Me Faz um Transplante”:

*Doutor me faz um transplante
Meu coração
É um coração errante.*

Jorge Gomes e João Mamari não querem correr riscos. “Um Novo Coração” é solicitado:

*Doutor, eu quero um novo coração
Transplante está na moda
Eu quero pular no salão
Meu coração tá no fim
Arranje um novo pra mim.*

Baqueados também estão os corações de J. Jr., Vicente Lago e Fernando Luz ao reagirem à passagem de uma boazuda. O “Eletrocardiograma” dispara em 1966:

*Ai o meu eletro
Eletrocardiograma
Me leva, me leva doutor, me leva
Direto daqui pra cama.*

Outro avanço, a cineangiocoronariografia, estava na agenda dos

inteligentes Pedro Caetano e Alcir Pires Vermelho, com crítica. Rara presença de Nara Leão que gravou “Cineangiogramas” em 1984:

*Cineangiogramas
Um moderno exame de cardiologia
Quem é rico vai fazer nos **states**
Quem é pobre faz aqui
De qualquer “jeit’s”.*

A popularização da cirurgia plástica no Brasil se deveu ao prestígio do Dr. Ivo Pitanguy, artífice da recauchutagem de personalidades. O carnaval ainda o põe mais em evidência, como Álvaro Matos e Nelson Castro em 1964 com a “Plástica do Dr. Pitanguy”:

*Dr. Pitanguy, Dr. Pitanguy
Estica daqui, estica dali
Dr. Pitanguy
Capricha na carinha aqui.*

Momo não tem compromisso com o celebratório correto. O compositor perde o amigo mas não a irreverência. Que o diga Monsueto, com seu nada abonador “Dr. Pitanguy”:

*Levei a Marieta ao Pitanguy
Quando ela voltou não reconheci
Cortaram lá, colocaram cá
Agora ela vive a reclamar
Que a sua cara tem vontade
De sentar pra descansar.*

O último verso é de uma sutileza exemplar.

A pílula anticoncepcional criada em 1952 foi mal recebida pelos compositores. Protestos de Dunga e Nilo Barbosa em 66:

*A solução da pílula, pílula
Para mim é ridícula, ridícula
Dona cegonha vai ficar tantã
Pílula de vida borocochô
Eu sou do tempo da vovó e do vovô.*

J. Audi e Papi reforçam o estrilo no mesmo carnaval com a “Marcha da Pílula”:

*Que calamidade
Que graça tem
Ora, ora, pilula
O mundo sem neném.*

O bebê de proveta também resultou polêmico. Antonio Brasil, Nilza Brasil e Santinho, em 1975, lançam uma pérola de surrealismo: “Não me comprometa”:

*Marieta, tire a mão da gaveta
Não me comprometa
Foi aí que eu guardei
Meu bebê de proveta.*

Braguinha reagiu, como sempre, com talento: “Bebê de Proveta” é de 1979:

*Bebê de proveta, bebê de retreta
O seu inventor, que cara careta
Por que não sacou
Da sua beleza
Que a gente prefere
Bebê de chupeta.*

J. Neves, Astúrio Nunes e Dick Danello são conservadores:

*Agora só se fala em bebê de proveta
E eu que sou quadrado
Vou mal com a Marieta
Comigo não, doutor, comigo não
Eu nesse caso sou quadradão.*

Sem dúvida a conquista da lua em 1969 foi o marco do século.

Os compositores já estavam com seus telescópios apontados bem antes. Em 59 José Lourenço, W. Montinho e Manoel Lima convidam em “Passeio na Lua”:

*Ó Maria
Até que enfim chegou o nosso dia
Já preparei a minha vida
Prepare a sua
Vamos passear na lua.*

Alda Ribeiro e Iracema Ângelo querem é mordomia:

*Na lua a gente come
Sem precisar pagar
Governo é quem trabalha
Para o povo descansar
Não tem Cofap nem aposentadoria
É samba toda noite, feriado todo dia.*

Em 1960 Walkyria, Gino Alves e Geraldo Gomes, pés no chão, abordam o assunto, relacionando-o ao conformismo brasileiro. “No Mundo da Lua” mostra isso com propriedade:

*Sobe a batata, o feijão e o arroz
E a gente ainda escuta
O povo dizer na rua
Que a vida está cara
Mas depois vai melhorar
Isso prova que a gente
Vive no mundo da lua.*

Em 1961 o périplo de Gagarin é notícia. João Martins acha que foi esperteza do russo e denuncia em “Gagarin” de 1962:

*Gagarin, você não é trouxa
Quando vê que a coisa aqui não dá
Passa a mão no seu foguete
E vai pra lua se virar.*

É sondado por J.P. Silva, Sebastião Gomes e Floriano Brandão com o mesmo título no mesmo ano:

*Gagarin, me diga como é
Mas diga bem baixinho
Se na lua tem mulher.*

Todo mundo cantou mesmo foi a inspirada marcha de Klécio Caldas, Armando Cavalcanti e Brasinha: “A Lua é dos Namorados” no ano anterior:

*Todos eles estão errados
A lua é dos namorados
Lua, ó lua
Querem te passar pra trás
Lua, ó lua
Querem te roubar a paz
Luz que no céu flutua
Lua que nos dá luar
Lua, ó lua
Não deixa ninguém te pisar.*

Dois anos depois novamente conquistam os carnavalescos com “A Lua é Camarada”, sem Brasinha, mas gravada com estilo por Ângela Maria como o êxito anterior:

*A noite é linda
Nos braços teus
É cedo ainda
Pra dizer adeus
Vem, não deixes pra depois, depois
Vem, que a noite é de nós dois, nós dois
Vem, que a lua é camarada
Nos teus braços quero ver
O sol nascer.*

Na “Marcha do Sputnik” Carijó e Antonio Livino não fizeram muita fê no badalado satélite:

*Se você for subir na lua
Me leva que eu quero ir
Quero voar de sputinik
Enquanto ele não explodir.*

Roberto Roberti e Manoel de Oliveira, espirituosos e pouco românticos em “Mulher pra Frente” de 1970:

Enquanto o homem quer

*Botar o pé na lua
Mulher arranja um pé
Pra botar o pé na rua.*

Depois do pouso os rubro-negros fanáticos Monsueto e Hugo Brando vaticinaram o que acontecerá com “O Flamengo na Lua”:

*O Flamengo vai jogar na lua
Inaugurando o estádio lunar
Quero ver minha torcida gritando
Flamengo, campeão de terra, mar e... ar!*

Saltamos alguns anos. Nem a AIDS escapou. A marcha de J. Janeiro, W. Janeiro e Leonardo Plecucci é capaz de arrefecer o mais empedernido dos carnavalescos ameaçando com “A AIDS vai te pegar” em 1987:

*Cuidado rapaz
A doença está no ar
Se você dormir no ponto
A Aids vai te pegar.*

João Roberto Kelly e Chacrinha, num jogo de palavras inteligente, ensinam a prevenir: “Bota a Camisinha”:

*Bota a camisinha
Bota meu amor
Hoje tá chovendo
Não vai fazer calor.*

Os recheios silicônicos, que vêm recheiando os bolsos dos médicos, chegam ao carnaval de 1990 com Sullivan e Massadas que pedem menos afoiteza aos foliões na “Marcha do Silicone”:

*Será que é mulher
Será que ela é homem
Cuidado com o silicone.*

ADEREÇOS

1 - Rega-bofe: folia. Festança com comida e bebida.

2 - Taco: ser bom no que faz. Mulher atraente.

3 - Gaiteiro: assanhado.

4 - Maganão: pândego. Também pouco escrupuloso.

5 - Outras mãos miraculosas eram as do finlandês Kersten, massagista de Himmler, então secretário do Interior de Hitler, únicas capazes de atenuar-lhe as insuportáveis dores na coluna. Exercia poderosa influência sobre o iracundo chefe nazista. Aproveitava a dependência de Himmler à sua terapia para desenvolver atividades humanitárias. Há registro histórico de que participou como intermediário de uma tentativa de paz em 1943, que fracassou por desconfiança do governo americano. No início deste século temos a misteriosa figura de Rasputin, o monge curandeiro que acabou se tornando a pessoa mais influente na corte russa de Nicolau II. Só ele conseguia estancar os episódios hemorrágicos do príncipe herdeiro que era hemofílico. Houve várias tentativas para eliminá-lo. Veneno não deu certo. Sofria de deficiência de ácido clorídrico necessário à digestão. Ao ingerir cianureto que combinado ao ácido se torna mortal, acabou tendo apenas vômitos e cólicas o que aumentou-lhe a fama de indestrutível. Mas não escapou de um apunhalamento em 1916.

6 - Klécus Caldas me contou que Blecaute era muito supersticioso e recusou a música por falar em defunto. Quem faturou o sucesso foi Linda Batista.

7 - Inspirada no programa da Rádio Nacional com o mesmo nome, apresentado pelo médico e radialista Paulo Roberto.

8 - Gabiru: velhaco. Espécie de rato grande.

BATALHAS SEM CONFETI

As guerras, revoltas, revoluções, golpes, tiveram o binóculo dos observadores carnavalescos enfocando-as. Na maior parte das vezes satirizando os déspotas e ridicularizando-os perante a opinião pública, com muito melhor desempenho que a propaganda oficial. Iniciemos o rastilho sonoro.

Marisa Lira, competente estudiosa de nossa música popular, garimpou trovas cantadas na época da Guerra do Paraguai:

*Mamãe, vá acordar papai
Que eu vou me embora
Para o Paraguai.*

Solano Lopes era uma espinha em nossa garganta. A vingança vinha musicada, com basófia:

*O Lopes foi à missa
Esbarrou no sacristão
Sacristão deu-lhe um sopapo
E o Lopes caiu no chão.*

No carnaval de 1958 era lembrado por Paquito, Romeu Gentil e Boechi. A imagem criada para desmoralizar Napoleão, “foi assim que perdeu a guerra”, encarapuçaram no paraguaio:

*Ele embarcou
Ela ficou em terra
Cuidado que foi assim
Que Lopes perdeu a guerra.*

O bloco Flor da Primavera, no ano de 1897 faz alusão a Canudos, estimulando o coronel Moreira Cesar:

*Já embarcou
Com alegria
Moreira Cesar
Foi pra Bahia.*

Só que a alegria durou pouco. O militar foi morto e sua tropa destroçada pelos seguidores do Conselheiro.

O popular Caninha em 1919 quando do término da Primeira Grande Guerra comemora com o maxixe “O Kaiser em Fuga”:

*Ai, ai, ai
A guerra já terminou
Com a direção de Foch
Até o fogo cessou
Ai! ai! ai!
Que grande satisfação
Do Kaiser ter disparado
E abandonado a nação.
Monsieur, quedê ele?
O Kaiser já fugiu
Já sumiu-se pra bem longe
Que o inimigo não viu.
Viva, viva
Sempre os nossos aliados
Que venceram essa guerra
E prenderam os culpados.*

Foch, marechal francês, nomeado generalíssimo das tropas aliadas comandou a vitória sobre o Kaiser Guilherme II.

Em 1932 ecoou a Revolução Constitucionalista de São Paulo, enfrentado as forças federais de Getúlio. O sucesso de “O Teu Cabelo não nega” deu lugar a paródias para estimular os combatentes contra o usurpador:

*O teu governo não nega, Getúlio
Que foi uma tapiaçã
A ditadura não pega, Getúlio
Faz dela bucha de canhão.
Só tens o apoio dos derrotistas
Dos tenentes outubristas
Getúlio, getulinho, por favor
Desista logo de bancar o ditador.
Quem te encrencou, ó maganão
Merece consagração
Paulista não tem medo de careta
Apronta a trouxa
E segue pra outro planeta.*

Outubristas eram os tenentes que desejavam a continuidade do processo ditatorial por, no mínimo, dez anos. Maganão é inescrupuloso. Em 1933 o rescaldo carnavalesco da revolução ainda era feito na marchinha de João de Barro “Trem Blindado”:

*Meu bem pra me livrar da matraca
Da língua de uma sogra infernal
Eu comprei um trem blindado (1)
Pra poder sair no carnaval...
Mulata por teu encanto
Eu muito levei na cabeça
Porém agora eu duvido
Que isto outra vez aconteça
Do teu falado feitiço
Eu pouco caso lhe faço
Mandei fazer em São Paulo, mulata
Um capacete de aço.
Mulata quando te vi
Logo pedi anistia
Pois os teus olhos lançavam
Terrível fuzilaria
E pra ninguém aderir
Ao nosso acordo amoroso
Botei na porta da casa, mulata
Um canhão misterioso (2)*

Matraca era uma arma psicológica que imitava o som de uma metralhadora. Ainda em 1933 Ary Barroso sai do Rio e vai a São Paulo concorrer ao concurso promovido pela Prefeitura. Conquista o segundo lugar com “Paulistinha Querida”:

*Paulistinha querida
Qual é a tua cor
Que tanto disfarças com pó de arroz
Não és loura nem morena
Não tens nada de mulata
Paulistinha querida
A tua cor é “trinta e dois”.*

Apesar da alusão ao tipo de arma a censura não percebeu. Em fins de 1933 havia pressão de grande parte da sociedade defendendo a anistia para os

vencidos de 30 e 32, o que veio a acontecer em 34. Ary Barroso era um dos que apoiavam e o fez na voz de Francisco Alves. “Anistia” é de 1934.

*Anistia, anistia
Nos três dias de folia
Seu doutor não faça isso, por favor
Na prisão basta só meu coração
Por isso eu peço...*

No mesmo concurso do qual participou Ary Barroso venceu “Trincheira de Carnaval” de Martinez e Arisnaldo Pires:

*Alerta! Alerta!
Vamos fazer revolução
Nossa trincheira vamos ter
Mulata! Na avenida São João.*

Já Wantuil de Carvalho em “Meu Amor vai Pegar no Fuzil” brinca com coisa séria:

*Meu amor, vai pegar no fuzil
(Ordinário)
Meu amor vai pegar no fuzil
(Marche!)
É mentira, é mentira
É primeiro de abril.*

Carnaval de 1939. Carmem Miranda grava de Ary Barroso a marcha “Salada Mista”, uma crítica à pusilânimidade de ingleses e franceses ante Hitler, então chanceler alemão, que já anexara a Áustria e territórios checos e a farsa do Tratado de Munique. Hoje se sabe que Hitler blefou quanto ao próprio poderio.

*Uma pitada de massa de tomate (all right, all right)
Três gotinhas de molho inglês (só três, só três)
Algumas gramas de “petit-pois” (françois, françois)
E ficou pronto o pirão do chanceler.
(Que papou de colher)
Disse o francês: oui, oui
Disse o inglês: yes, yes, yes
Quem não gostou foi o checoslovaco*

*E o italiano entrou então na salada
(E não sobrou nada)*

Arnaldo Paes e Wilson Batista aparecem com “Invasão Amorosa” e se referem aos sudetos, habitantes da região checa invadida pelos alemães. A ameaça é terrível: transformar a Alemanha numa “Banana-Republic”:

*Os soldados do meu peito vão
Invadir o território do teu coração
Eu quero minha independência
Pois eu tenho arma
E não me falta potência.
Se resolveres a questão
Eu prometo ao teu coração
Eu não serei mais um sudeto
E depois disso
Da questão ganha
Vamos plantar banana na Alemanha.*

Sem prever as intempéries futuras Nássara e Frazão estão otimistas e despreocupados na marcha “Calma no Brasil” de 1941:

*Nós vivemos no melhor pedaço da terra
Calma no Brasil, que a Europa está em guerra!...
Neste Brasil é bem pacata a mocidade
Não anda armada, nem sequer de canivete.
Enquanto os outros tem batalhas de verdade
Nossas batalhas são batalhas... de confeti.*

Nos festejos de 1942 já existe expectativa. Os mesmos Nássara e Frazão, destemidos bradam em “Sabemos Lutar”: (3)

*Na guerra se eu tiver que combater
Minha terra juro que hei de defender
Com calor, com ardor, com vigor
De um peito brasileiro.*

Como bem observou Gracio Barbalho os compositores em suas obras já começavam a estimular o pan-americanismo. Frazão (de novo!) e Silvío Caldas no carnaval de 1942 já estão na defensiva com a marcha “Minha América”:

*A minha América, a minha América
É a rainha do meu coração
A turma gosta dela
E anda de olho nela
Porém na minha América
Ninguém põe a mão.*

Haroldo Lobo e David Nasser vencem o concurso de carnaval em 1942 com “Alô América”:

*Alô, ô, ô América
Aqui na nossa terra
A união é de amargar
Eles tem
Eles tem que respeitar*

Depois de muita hesitação o Brasil rompe relações com o Eixo em agosto de 1942. Os cientistas políticos e historiadores muito especularam sobre nossa indecisão e persistência da neutralidade. A hipótese mais ventilada era a simpatia de Getúlio e membros das forças armadas pelo nazifascismo. Segundo o Marechal Lima Brayner a cisão se deu após ataques de submarinos alemães a navios brasileiros, que forneciam matéria-prima aos Estados Unidos. A pressão dos chamados “vizinhos do norte” era intensa. Para o brasilianista Stanley Hilton a vacilação do Brasil deveu-se em grande parte ao fato de os americanos não terem fornecido a ajuda militar prometida em 1939. O Brasil estava desarmado. Após os torpedeamentos foi porém impossível conter a revolta da opinião pública. Só então em 1943 começa mesmo o fervor patriótico carnavalesco. Foi então uma saraivada. (4)

O duo Frazão e Dunga se mobiliza com “Alvorada”:

*Por meu país amado
Quero lutar e triunfar
Por meu país amado
Hei de lutar pra conservar
Meu ser, meu lar, meu sol, meu ar
Meu Deus, meu céu, meu mar*

Haroldo Lobo e David Nasser gostam de um alô. Mostram-se solidários com “Alô Tio Sam” de letra fácil:

*Alô Tio Sam, alô
Dizem que você
Está pintando o sete
Se precisar de mim
Pode chamar que eu vou
Vou nem que chova canivete*

Edigar Cardoso estava furo em “Vaqueiro das Américas”:

*Sou vaqueiro do oeste
E comigo não tem graça
Ando à procura de um peste
Que ofendeu a minha raça
Heil Hitler
Valente assim nunca se viu
Heil Hitler
Correu tanto que sumiu*

“Brinca Pessoal” de Haroldo Lobo e Benedito Lacerda é otimista:

*Brinca pessoal
Depois da guerra
Vai ser outro carnaval
Depois da guerra
A carne vai sobrar
E a gasolina vem aí pra se gastar
Porque a vitória é macuco no embornal. (5)*

A basófia verbal de Hitler é glosada em “O Papagaio do Chanceler”, de Alberto Ribeiro:

*Em Berlim o chanceler
Falava tanto quando estava de colher
Mas agora na hora H
Não fala nada
Papagaio o que é que há
Se a verdade quer saber
Demandez aux alliés. (6)*

Promessas não faltam como em “Espera Maria” de René Bittencourt e

Custódio Mesquita:

*Se eu for para a guerra, Maria
Amor não fique triste não
Eu volto, Maria eu volto
Eu volto pra pedir tua mão
Maria deixa a porta aberta
Espera que a vitória é certa*

Assis Valente continua com as despedidas em “Té Logo, Sinhá”:

*Té logo, Sinhá
Eu vou ali e venho já
Sinhá já deve saber que o Brasil me chamou
E mandou defender
O cantinho de Sinhá sambar
O cantinho de Sinhá viver.*

Os espíões ou quinta-colunas, agentes infiltrados no governo, não passaram despercebidos aos compositores. Nássara e Frazão fazem ameaça em “Sai, Quinta Coluna” de 1943:

*Sai, quinta-coluna
Por tua causa é que eu vou me alistar
Quando eu calçar minha botina reiúna (7)
Quero ver quinta-coluna se manifestar.*

Os integralistas brasileiros, chamados “galinhas verdes”, eram olhados com desconfiança, pela afinidade ideológica com o fascismo italiano. Foram desancados por André Gargalhada e José Gonçalves com muita verve na obra “Galinha Verde” também de 43:

*Galinha verde não me entra no poleiro
Diz o meu galo que é o dono do terreiro
E o papagaio já me pede por favor
Me leva ao tintureiro
Que eu quero mudar de cor
De manhã cedo quando eu chego no quintal
Até tenho medo, é um barulho infernal
Meu papagaio comprei lá na Pavuna
Mas o galo cisma que ele é “Quinta-coluna”.*

Tudo era anotado pelos cronistas do carnaval. O blecaute, quando as luzes eram apagadas para proteger as cidades dos bombardeios inspirou Germano Augusto e A.F. Silva:

*Vamos Maria, vamos
Na rua não podemos ficar
Vai começar o “black-out”, Maria
Temos que nos refugiar*

1943 foi realmente o ano da euforia cívica. Desprendidos não faltaram como Humberto Teixeira e Caio Lemos. “Pelo Brasil, Pela Vitória” é um exemplo:

*Avante, soldados lutemos
A vida não vale sem glória
Se for preciso morrer, morreremos
Pelo Brasil! Pela vitória!*

Dois bons compositores Roberto Martins e Mário Rossi contagiados demais trombeteiam a indigente “Vitória”:

*Vitória! Vitória!
Com a grandeza que o Brasil encerra
Tu és o hino triunfal da glória
Entusiasmando a minha grande terra
Vitória! Vitória!
Conduzirás o meu Brasil na guerra.*

Carlos Galhardo canta com galhardia a certeza de Benedito Lacerda e Darci de Oliveira:

*A voz do dever me chamou, Lili
É esta a razão porque vou partir
Mas levo na mochila um tamborim
Vou passar um carnaval cantando samba em Berlim.*

O relho cantava mesmo era nas costas dos três dirigentes máximos do Eixo. Hitler era o mais visado. Em “Adolfito Mata-Moros” Braguinha e Alberto Ribeiro transmudam Hitler num caricato toureiro que é chifrado sem dó. O touro é uma referência a John Bull, símbolo da Inglaterra:

*A los toros
A los toros
A los toros Adolfo Mata-moros
Adolfinho bigodinho era um toureiro
Que dizia que vencia o mundo inteiro
E num touro que morava em certa ilha
Quis espetar sua bandarilha
Trá lá lá lá lá
Mas o touro não gostou da patuscada
Pregou-lhe uma chifrada
“Tadinho” do rapaz
E agora o Adolfo caracoles
Soprado pelos foles
Perdeu o seu cartaz.*

Nelson Ferreira e Sebastião Lopes ao som do frevo “Qué Matá Papai, Oião?” troça com as retiradas alemãs:

*E foi assim. E foi assim
Que prepararam a invasão de Berlim
Começou na Sicília
A história diz
Entraram em Roma e depois Paris
Seu Bigodinho isso é que é façanha
Mais um salto e nós entramos na Alemanha.
Fazendo o meu passo com satisfação
E tratando de acabar
Com a “goga” do alemão (8)
(Que matá papai, oião?).*

A marcha robotizada dos soldados alemães, o chamado “passo do ganso”, não escapa da ironia de Haroldo Lobo e Roberto Roberti em “Que Passo é Esse, Adolfo?”:

*Que passo é esse, Adolfo
Que dói a sola do pé
É o passo do gato não é!
É o passo do rato, não é!
É o passo do ganso
Qué, qué, qué, qué*

*Esse passo muita gente já dançou, ô, ô, ô
Mas a dança não pegou, ô
Ó Adolfo, a cigana te enganou, ô, ô, ô
Sai pra outra que a turma não gostou.*

Sucesso fez a bem bolada “Quem é o Tal” de Ubirajara Nesdan e Afonso Teixeira:

*Quem é que usa cabelinho na testa
E um bigodinho que parece mosca
Só cumprimenta levantando o braço
É é é é... palhaço.*

A imagem de Mussolini e a debandada de suas tropas é associada ao jornalista, imigrante italiano, por Milton de Oliveira e J. Batista em “Quem é”:

*Quem é que levanta o braço e promete
Quem é que come espaguete
Quem é que vence correndo
O melhor cavalo nacional?
É seu Pascoal, é seu Pascoal
Que era dono de uma banca de jornal.*

O trio que comandava o Eixo leva farpas de Nicola Bruni, Nelson Trigueiro e O. Mota na gravação de Ataulfo Alves. Talvez por uma questão de rima são ameaçados com trabalhos forçados no Maranhão!

*Quero ver ainda
Três palhaços na berlinda
Marcando passo de pé e picareta na mão
Abrindo estrada lá no sul do Maranhão
O Hiroito é traiçoeiro
Mas o Benito na corrida é mais ligeiro
E o seu Adolfo que é o mais valente dos três
Irá pagar tudo, tudo que ele fez.*

Na Segunda Grande Guerra os russos perderam vinte milhões de vidas. Houve exemplos heróicos como a resistência ao cerco de Leningrado, que resistiu 900 dias. No sul da Rússia começou o esboroamento alemão com a derrota em Stalingrado. Nássara e Frazão contam com talento como o Volga

“deu um banho” no Danúbio. A gravação foi de Joel e Gaúcho. Deveria ser também lançada no filme “Samba em Berlim” na voz de Virginia Lane mas a cena foi cortada pela censura estadonovista por mostrar a figura de Stalin no cenário.

*Uma vez um rio valente
Quis crescer um pouco mais
Porém encontrou pela frente
Quem lhe rasgasse o cartaz.
Danúbio azul, fiau, fiau
Mudou de cor, fiau, fiau
Quis se meter, fiau, fiau
A lutador, fiau, fiau
E sobre o Volga
Como um louco se atirou
Mas o Volga deu uma folga
E o Danúbio... azulou.*

Em 1937 a China que já vinha sofrendo incursões japonesas é invadida em grande escala. Em 1939 Ary Barroso e Alcyr Pires Vermelho fazem sucesso com “A Casta Suzana” que faz alusão ao fato. A história dessa música vai aqui narrada pela primeira vez na versão que Alcyr me fez em entrevista. Eis suas palavras: “O Ary ficou zangado durante seis meses comigo por causa de uma mulata do posto 6 que era doida por ele e que apresentou a mim. Acabei ficando com ela e ele então brigou”. (6)

*Será você a tal Suzana?
A casta Suzana do Posto Seis?
Coitada, como está mudada
Teve apendicite
E ficou sem ite.
Quando conheci casta Suzana
Nas areias de Copacabana
Era namorada de um chinês
Mas olhava para um japonês
Deu-se então a confusão
Estourou a guerra China com o Japão.*

Voltemos a 1943. A China continua resistindo. João de Barro e Alberto Ribeiro dão uma força e tem grande repercussão a marchinha gravada por Castro Barbosa, “China Pau” onde prevêm um substituto pouco

convencional para o couro de gato:

*Ê china pau, china pau como quê
Ê china pau, china duro de roer
Mas se Chiang Kai Chek
Continua assim
Pele de inimigo
Vai servir de tamborim*

Em dezembro de 1941 houve um ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Pacífico. Com a liberação de documentos secretos sabe-se hoje que a agressão não foi tão traiçoeira como se noticiou na época. Foi declarada guerra ao Japão. A aversão mútua vinha desde 1854 quando navios americanos forçaram as ilhas japonesas a abrir seus portos. A acirrada concorrência entre dois países industrializados, em rápido crescimento também concorreu para as desavenças. Os operadores de radar americanos negligenciaram as imagens captadas. O general Marshal, chefe do Estado Maior americano, praticava equitação na véspera quando recebeu mensagens inquietadoras do presidente Roosevelt e não deu a mínima.

No carnaval de 1943 Benedito Lacerda e Cristovão de Alencar pegaram no pé do imperador Hiroito, ridicularizando-o na marcha “Chupando Pirolito” gravada por Linda Batista:

*Quando acabar o conflito
E não se ouvir mais o grito do canhão
Eu quero ver o Hiroito aflito
Comendo arroz sem palito
Nas ilhas de Salomão.
O Hiroito sonhou que estava no Haváí
Bebendo água de Vichy com pão alemão (10)
Mas quando acordou deu um grito
Ele chupava um pirolito
Na cratera de um vulcão.*

Algo muito pior que as lavas do vulcão estava reservado para o imperador algum tempo depois: o inconcebível morticínio provocado pelo cogumelo atômico.

Já estamos em 1944. A simpatia pelos chineses transparece em “Ping-pong” de Paulo Barbosa e Cristovão de Alencar:

*Japonês, japonês
Pra morrer é bom freguês
Briga, briga, briga com chinês
E morre tudo de uma vez!*

O fascismo cambaleia. A tomada da ilha Sicília inspirou a marcha “Cecília” de Roberto Martins e Mário Rossi. Os autores fazem um trocadilho com o nome da mulher amada:

*Pra mostrar que braço é braço
Eu conquistei Cecília
Enfrentei balas de aço
Mas conquistei Cecília.*

Os ataques da Real Força Aérea britânica ao território alemão levaram Benedito Lacerda e Darci de Oliveira a compor “A Raf em Berlim”, onde com bom-gosto fazem uma colagem de parte da antiga polca “Rato, rato”:

*Ouvi um chefe nazista
Cantando na emissora em Berlim
Uma marchinha engraçada
E a letra era mais ou menos assim:
RAF RAF RAF
Vê se tens compaixão de mim
RAF RAF RAF
Por que motivo destruístes meu Berlim
Estás estragando o meu cartaz
Se assim continuares
Este ano peço paz.*

Hitler continua sendo vergastado. Elpídio Vianna e Nelson Trigueiro já lhe dão ordens:

*Abaixa o braço
Deixa de teima
Lugar de palhaço é no cinema
Seu Adolfo pra que tanta valentia
Se nós queremos a democracia
Dona Cecília já se convenceu
Vocês do Eixo muito em breve saberão*

*Que as Américas unidas vencerão
Que os aliados estão no apogeu.*

“Adeus Adolfo” de Henrique Gonzalez narra um suposto diálogo entre Hitler e Mussolini onde este tenta escapar da refrega:

*- Adeus Adolfo eu vou deixar você
“Por que Mussolini, por que?”
- Mano Adolfinho, jogador de ping-pong
Estou vendo a coisa preta
Eu vou é nesse bonde
Fui um palhaço, abaixe o braço
Adolfinho, adeus!*

O desmantelamento das potências do Eixo, aliança formada em 1940 por Alemanha, Japão e Itália serviu de tema a Nicola Bruni e A.F. Silva em 1944 para produzirem “Quebrou o Eixo”:

*Eu bem lhe disse
E você não acreditou
Seu Aleixo
Carro correu de mais
Quebrou o eixo.*

O Brasil ainda não entrara na luta, o que aconteceria em julho de 1944, quando partiu o primeiro comboio, após preparativos em sigilo absoluto. Mesmo a fato acontecendo depois do carnaval não impediu que Gastão Viana e Mário Rossi em “Reco-Reco” já previssem a surra que Hitler levaria de nossos valentes tupiniquins. Bem informados chamam-no de pintor, numa referência irônica à sua frustrada tentativa de tornar-se um artista do pincel:

*Quando deu o estalinho na cabeça do cacique
O Bigodinho deu, deu um chilique
E foi assim quem terminou o piquenique.
Ele quis dar um baile numa tribo tupi
Mas dançou na corda bamba
Quando ouviu O Guarani
E o cacique que tem fibra e tem valor
Vai tocando reco-reco
Nas costelas do pintor.*

A expressão popular “a cobra vai fumar” é adotada como símbolo da Força Expedicionária Brasileira, significando que os adversários iriam passar mal em nossas mãos. Uma dupla da pesada, Benedito Lacerda e Haroldo Lobo assinala no carnaval de 1945:

*Alô boy, alô boy, alô boy
Dá duro nessa gente
Que a hora está chegando
Alô boy, alô boy, alô boy
A cobra está fumando e
E a cuica está roncando.*

O IV Corpo do Exército americano englobava as tropas brasileiras. Lutaram juntos daí a citação do “boy”.

O estertor alemão já é patente. Herivelto Martins e Grande Otelo anotam em “A Guerra acaba Amanhã”:

*Canta, samba, dança
Muita alegria
Nós precisamos, irmãos
Está terminando
A tirania alemã
A guerra acaba amanhã.*

O armistício é assinado em 8 de maio de 1945. No carnaval de 1946 o retorno é saudado por Waldemar Silva e Ari Monteiro no “Samba da Vitória”:

*Voltei, voltei, voltei
Trazendo na mochila o tamborim
Cantei, cantei, cantei
O samba da vitória em Berlim
Voltei, voltei, voltei
Com a medalha que, lutando conquistei.*

Damos um salto até 1949: Revolução Chinesa. Chiang Kai Shek perde a guerra civil para Mao Tsé Tung. O compositor carnavalesco sempre atualizado, não deixa passar em branco. Peterpã e Afonso Teixeira em “Negócio da China” parece que não gostaram da subida ao poder dos comunistas:

*Eu vou à China para ver como é que vai
A Butterfly com o Fu Manchú
Porque o chinês
Desta vez mudou de cor
Sempre foi amarelo
Está vermelho pra chuchu
Eu sei que o chinês ficou assim corado
Porque errou no golpe
Está envergonhado
Porque um grão de arroz
Que não chegava pra um
Tem que dar pra dois.*

No ano seguinte a Coréia do Norte, comunista, invade o sul - a península coreana havia sido dividida em duas em 1948 - e explode nova guerra, com apoio americano à Coréia do Sul. Os Estados Unidos tentaram aliciar em nome da ONU, o Brasil e outros países latino-americanos, para que enviassem tropas. Só a Colômbia enviou um batalhão que foi dizimado. O general McArthur, herói da segunda guerra, comandante-chefe, se mostrou tão intempestivo que acabou destituído pelo presidente Truman antes que desencadeasse a terceira guerra mundial. Apesar do general-chefe do EMFA na época, Góis Monteiro, apoiar nosso engajamento, Getúlio, sagaz e dissimulado, foi engabelando os ianques, ganhando tempo, recebeu dois cruzadores e acabou não participando do conflito. Nássara e Salvador Miceli no carnaval de 51 sugerem em “Viver em Paz” que o “jeitinho carioca” poderia ajudar:

*Pra conquistar teu coração
Oh minha linda Dulcinéia
Eu sou capaz de acabar
Aquela guerra na Coréia.
Sou carioca, não sou de briga
Tenho conversa até demais
Se for preciso eu embarco para o Oriente
Pra mostrar àquela gente
Que é melhor viver em paz!*

1961. Os revolucionários de Sierra Maestra, com Fidel Castro à frente, tomam o poder em Cuba. Wilson Batista, Jorge de Castro e Bastos Nenes em “Linda Cubana” são diplomáticos:

*Cuba, Cuba, Cuba libre
Não foi mole não (...)
Linda cubana
Vem ver meu carnaval
Neutro é o meu papel
Você volta pra Havana sem bronca
Juro pelas barbas de Fidel.*

A mídia pôs em destaque fuzilamentos que teriam sido praticados contra colaboradores do regime ditatorial anterior. O talentoso Klécio Caldas com seu parceiro predileto Armando Cavalcanti é jocoso na “Marcha do Paredão” onde compara nossa impunidade com a dureza do regime cubano:

*Em Cuba... Cuba... Cuba
Andou na contra-mão
Vai descansar no paredão
Ao paredão ao paredão, ao paredão!
Essa não!
Aqui ninguém é dono de ninguém
Barbado, só camarão
Quem roubar um trem
Suicidar alguém
Tem cem anos de perdão!
E um contratinho na televisão!*

Klécio relata em suas memórias que a música era uma crítica ao regime de Fidel. Mesmo ele e Armando sendo oficiais do Exército não escaparam da censura do governo janguista. A composição foi proibida sob o pretexto de que ridicularizava nossos costumes. Pueril. Os autores espernearam muito e conseguiram a liberação. Quanto aos “costumes” mais de quarenta anos depois continuam imutáveis.

Em 1963 houve um estremecimento nas relações entre a França e o Brasil. Pescadores franceses apanhavam lagostas em águas que considerávamos invioláveis. Navio de guerra nosso foi enviado para expulsar os barcos invasores e outro francês veio para impedir. A coisa esquentou com a recusa do governo francês de atender ao pedido de **agrément** do embaixador brasileiro já nomeado. Causou também mal-estar suposto comentário de De Gaulle de que o “o Brasil não era um país sério”. Essa insensata versão perdurou por muitos anos até que o embaixador Carlos Alves de Souza, que servia em Paris à época, nas suas memórias esclarecesse que

ele é que usara tal expressão mas inserida em outro contexto. A França recuou e acabou dando em nada. A imprensa chamou o entrevisto de “Guerra da Lagosta”. Para o cronista carnavalesco o assunto era quente. Jorge Washington trouxe-o para o carnaval de 64 na “Marcha da Lagosta”, onde começa durão e depois abre a guarda:

*Largue essa lagosta
Deixe a minha areia
Se não vai dar coisa feia.
Faço uma proposta pra você
Faço um acordo de irmão
Traga uma francesa pra mim
E leve tudo, leve até camarão.*

A guerra dos seis dias entre árabes e israelenses deu origem à bem-humorada marcha de Luiz Antonio em 1968:

*Mamãe eu vou
Ser soldado de Israel
Não tem água no cantil
Mas tem mulher no quartel
Além disso, guerra é guerra, mamãe
E vai ser sopa no mel...
Já pensou? Que regimento!
Que delícia de quartel...
Dona Sara é meu sargento
E Raquel meu coronel.*

A participação maior das mulheres nas forças armadas é uma exigência de Luiz Wanderley, Renato Araújo e Dell Zotto em “Não Vou pra Guerra”, de 1970:

*Se tiver mulher na guerra
Eu vou guerrear
Mas na guerra só tem homem
Vá você no meu lugar
Ê, ê, ê, e, e, e
Bota mulher na guerra
Que eu vou guerrear.*

Em janeiro de 1979 o xá Reza Pahlevi, do Irã, foge do país pressionado

pela oposição liderada pelo aitolá Khomeini. O xá saiu confiante declarando: “Estou apenas indo gozar umas férias e logo retornarei”. A Revolução Islâmica não passou em branco pela história carnavalesca. “Ai Eu tô Lá” de Laurindo e Pedro Paulo em 1980 implica com os costumes iranianos:

*Ai eu tô lá
Só me chamá
Ai eu tô lá Khomeini
Veste tua mulher de preto.
Vem lá do Irã essa moda
Que incomoda
Vestir mulher de preto não dá pé
Vai ser espeto!
Eva mulher, Eva mulher
Sempre mostra o que Adão quer*

Se os autores soubessem o susto que o escritor Salmam Rushdie passou anos depois com seus “Versos Satânicos” seriam mais comedidos.

O Pacotão, bloco anárquico, o mais famoso de Brasília, saiu no mesmo ano com um apelo:

*Aiatolá
Venha nos salvar
O Figueiredo
Tá ficando gagá.*

A crise do petróleo provocou protestos de Homero Ferreira, Bevilaqua e Savena:

*Aiatolá, Aiatolá
Meu carro não pode parar
Aqui não temos camelo pra andar
E nem tapete pra voar
Aiatolá, Aiatolá
Me dá uma colher de chá.*

Infelizmente os povos continuam a se destruir na luta bestial pelo poder. Está na hora de se promover o carnaval da paz eterna.

ADEREÇOS

1 - Trem blindado fabricado pelos paulistas.

2 - Dizia-se que alcançava Minas, disparado de São Paulo.

3 - Essa música teve até versão em castelhano denominada “Sabemos Luchar”. Foi gravada duas vezes por Francisco Alves.

4 - Artigo de Elio Gaspari em O Globo (fevereiro de 1998) relata a confirmação de suspeitas que estavam no ar há cinquenta anos. Os Estados Unidos tinham um plano para invadir o Nordeste caso Getúlio continuasse a protelar seu rompimento com o Eixo. Por sua vez o governo americano também vinha relutando em fornecer as armas prometidas ao Brasil, já que o general Marshall, Chefe do Estado-Maior, achava “que as armas poderão ser usadas contra nós”. As armas foram por fim fornecidas sob protestos de Dutra que as considerou insatisfatórias.

5 - Macuco no embornal: coisa certa, já ganha.

6 - Demandez auz aliés: pergunte aos aliados.

7 - Botina usada pelos soldados. Reiúna também era um tipo de espingarda ou fuzil.

8 - Goga: o mesmo que basófia. Contar vantagem.

9 - Em 1928 foi lançado no Rio o filme Casta Suzana, baseado na opereta do mesmo nome, de Jean Gilbert. É possível que a película tenha influenciado os autores no batismo da marchinha. A fenomenal mulata também pode ter sido apelidada em razão disso.

10 - Água de Vichy: água mineral da moda. A Perrier de ontem.

FOLIA NA TELA

Há algumas décadas o cinema era a mais acessível e popular diversão do brasileiro junto com o futebol. Os filmes nacionais, chamados pejorativamente chanchadas, hoje desagradados, atraíam multidões. No final dos anos 60 com a televisão já consolidada inicia-se o declínio. Salas fechando por falta de público. Após algum tempo, estonteada, a indústria reagiu de maneira “cecilbedemilliana” com a volta de produções suntuosas ou com parafernália de efeitos especiais e gosto duvidoso. O preço dos ingressos tornou-se proibitivo aos pobres e remediados. O carnaval reverenciou os ídolos e os filmes marcantes, focando-os em sambas e marchas.

Carmem Miranda gravou para o carnaval de 1935 “Mulatinho Bamba” de Ary Barroso e Kid Pepe:

*Por causa desse mulatinho
Eu fico na janela o dia inteirinho
Quando ele passa na calçada
Parece o Clark Gable em “Acorrentada”.*

O ator estava em grande evidência por ter ganho o Oscar no ano anterior. Se projetaria mais ainda com “E o Vento Levou” em 1939. No carnaval de 51 o filme ainda era lembrado por Roberto Martins e Jorge Faraj (em uma de suas raras incursões carnavalescas) que prometem, não sei, se um agrado ou castigo:

*Amanhã é domingo eu vou
Ao futebol ver o Fla-Flu
Se o meu time ganhar você vai
Ver “E o Vento Levou” num cinema de Bangú.*

Outro astro que estremecia corações era Tyronne Power. Foi tema de uma paródia de Angelo Delatre “As Fãs do Tyronne”:

*O famoso Tyronne
Como todos os galãs
Tem suas fãs, fãs, fãs
E leva a vida inteira
A esperar no divã
A fã, a fã, a fã.*

A música acima é de 1939 mas êi-lo de volta em 1955 em “Tirone

Póver” uma engraçada crítica aos falsos galãs topetudos e suas dificuldades de pronúncia da dupla Klécio Caldas e Armando Cavalcanti. Citam a linda Ava Gardner, de quem Jean Cocteau disse ser “O mais belo animal sobre a face da terra”:

*O que há? O que há?
Você pensando que é Tirone Póver
Porém com essa cabeleira
Você parece a Ava Gardinér.*

O escritor alemão Erich Maria Remarque ganhou renome internacional com seu livro antibelicista “Nada de Novo na Frente Ocidental”. O filme baseado na obra foi premiado pela Academia de Hollywood em 1930. França e Alemanha proibiram sua exibição. Com o mesmo título João de Barro e Alberto Ribeiro em 1938 lançaram na voz de Francisco Alves:

*Nada de novo na frente ocidental
Na batalha de confeti
Na Avenida Central
Paz, paz e muita harmonia
Na alegria do carnaval.*

No mesmo ano chega aos cinemas, com grande impacto, o drama “Anjos de Cara Suja” sobre a delinquência juvenil. O elenco era respeitável: James Cagney, Pat O’Brien, Humphrey Bogart. Haroldo Lobo e Milton Oliveira encontram um anjo não muito sóbrio em 1940 na marcha “Anjo de Cara Suja”:

*Ó Anjo de cara suja
Faz um quatro aí que eu quero ver
Você já está com olhar de coruja
E disse a todo mundo que não gosta de beber.*

A partir de um argumento de Edgar Wallace, as platéias do mundo inteiro se arrepiaram com as estripulias do gigantesco gorila King Kong no filme de 1933. A fama do monstro embevecido pela mocinha se eternizou. Interessante é que sua imagem ficou muito mais associada à falta de atributos de beleza do que à sua periculosidade. “Você não é meu Tipo” de José Fernandes e Miguel Bauso de 1937 confirmava isso:

Você foi lá no cinema

*E quando a fita começou
Com medo de você
O King Kong desmaiou.*

Está ele lembrado por Osvaldo Mendes no carnaval de 1958:

*Apareceu ninguém sabe d'onde
Parece um King Kong
De tão feio ele é*

Greta Garbo, em 1941, aos 36 anos, enclausurou-se, abandonando o cinema. Hollywood quis pasteurizá-la impondo-lhe o medíocre filme “Duas Vezes Meu”, realizado pela Metro. Foi o maior fracasso. Não conseguiram *americanizá-la*. Em “Deus que te Ajude” Nássara e Castro Barbosa mandam, bastante presunçosos, uma candidata ao estrelato para a Capital do Cinema. Marcha de 37:

*Eu vou pegar depois o teu retrato
Eu vou mandar para Hollywood
Chegando lá vai ser um desacato
Que Deus te ajude... Que Deus te ajude...
A Greta Garbo vai ser abafada
Incomodada ela que se mude
E eu não posso desejar mais nada
Que Deus te ajude... Que Deus te ajude...*

O romance de Vladimir Nobokov “Lolita” levado ao cinema teve inesquecível interpretação de James Mason. Nova cópia foi lançada em 1987 e também uma refilmagem atual que duvido se igualem ao original. Humberto Teixeira (ele mesmo, um dos lançadores do baião, já fez seu estágio carnavalesco) em parceria com Rildo Hora mostrou “Lolita” em 1973:

*Lolita tá... tá
Só de te ver
A gente entra em curtição
Coisinha fofo que grilou meu coração
Lolita mini-mulher bonita
Que transa e não dá bola
Pro dia de amanhã
Me fez ficar lelé da cuca
Qui nem gente maluca*

Na base do divã.

A ninfeta que seduziu o coroa não era brincadeira. Inspirou Chico Anísio a criar um quadro onde a impetuosa Lolita assustava o tímido Valentino. Bruno Marnet e Mário Lago compuseram a marchinha “Não sou de Nada”:

*Oh Lolita fique sossegada
Eu sou criança, não sou de nada
Não vem falando mole e fino
Valentino, Valentino
Não adianta seu derretimento
Não põe cedilha no meu acanhamento.*

A trágica peça de Tennessee Williams “Gata em Teto de Zinco Quente” foi transposta para o cinema com maestria, resultando num belo filme com atuações destacadas de Paul Newman e Elizabeth Taylor. A obra foi filmada em 1958 mas a “gata” ainda ronronava em 1971, com João Roberto Kelly e Elzo Augusto. Mostram-se meio precavidos em “Cara de Gata”:

*Cara de gata, zoio de gata
Vou me amarrar nesta mulata
Eu não tenho teto de zinco
Mas tomo cuidado com ela
Com gata mulata não brinco
Senão eu arranho na dela.*

Outra peça que levada ao cinema fez um sucesso estrondoso foi “A Gaiola das Loucas”. A hilariante história dos apuros por que passa um casal gay quando o filho hetero de um deles vai apresentá-lo aos futuros sogros e pede que salvem as aparências, resulta numa atuação magnífica de Ugo Tognazzi e Michel Serrault. Elymar Santos, R. Rocha e J. Maia curtiram:

*Que charme, como rebola
Pega essa louca
E bota dentro da gaiola
Entre as mulheres ele causa sensação
E tem grande família na televisão
Mas na gaiola até as coisas melhorar
Ele bota salto alto
E desmunheca sem parar.*

Em 1942 o filme “Sempre no Meu Coração” provocou enormes debulhamentos. O tema musical gravado por Orlando Silva arrasou. Raul Marques e Otolindo Lopes foram na onda e convidaram “Iracema” em 1943 na voz de Jorge Veiga:

*Oh Iracema
Logo vamos ao cinema
Por sua causa
Hoje não fui trabalhar
Não quero perder
A primeira sessão
Vamos ver aquele filme
“Sempre no meu coração”.*

Em 1946 Rita Hayworth surgiu esplendorosa em Gilda. O marketing do filme afirmava: “nunca houve mulher como Gilda”. Mário Lago e Erasmo Silva concordavam e criaram “Gilda”:

*Nunca houve mulher
Igual a Gilda
Oh Gilda meu bem, não me faça esperar
Ela sai e esquece de voltar
E quando volta
Não dá confiança de se explicar.*

Sátira não podia faltar e ano seguinte Saint-Clair Sena e Oswaldo Santiago aproveitaram a repercussão para lançar o desmoralizante “Nunca Houve Rapaz Como Gildo”:

*Nunca houve rapaz como Gildo
Nunca houve nem haverá
Não tem vício, não joga, não fuma
E quando tem que beber bebe guaraná
Nunca houve rapaz como o Gildo
Gildo bonito
Tem mulheres assim atrás dele
Mas o Gildo não quer confusão.*

“Em Cada Coração um Pecado” projetou Ronald Reagan no cinema. Apesar de ser considerado um canastrão a carreira o embasou para os vãos

políticos. Com esse título surgiu uma composição no carnaval de 1954. De Francisco Neto e Rosenberg:

*Fiz tudo para ver você feliz
Sofri para não ver você sofrer
Em cada coração há um pecado
E assim, entre nós dois
Está tudo acabado.*

Os machões patricios ficaram muito impressionados com “O Belo Antonio”, estrelado por Marcelo Maistroianni, que como o Gildo, apesar da boa pinta era meio devagar na hora das conquistas. Jorge Mascarenhas, Moacir Vieira e Luiz Januzzi, em 62, o descreviam:

*Ai, ai, ai, ai...
Chegou o Belo Antonio
É tão bonito
Mas não é de matrimônio
Tem cadilaque, anda bacana
Só chega em casa de madrugada
Com tudo isso a gente sabe
Que o Antonio não é de nada!...*

Com mesmo título ainda em 62 Célio Ferreira e Nilo Barbosa:

*Belo Antonio entrou na arena
Com fama de matador
Mas quando viu o bicho
Assustou-se e gritou olé
Não sou de nada não senhor
Senhor touro, não sou de nada não senhor
Carmem soluçando falou:
Belo Antonio você me enganou.*

O romance de Blasco Ibanez “Sangue e Areia” foi levado à tela em três versões. As mais famosas foram a primeira com Rodolfo Valentino e a de 1941 com Rita Hayworth e Tyronne Power. Contava a história de um toureiro balançando entre a esposa e a amante. A expressão eternizou-se. Sebastião Gomes e Nelson Teixeira assim intitulam sua composição para o carnaval de 1950:

*Eu vi um touro na Espanha
Ai que touro, seu Peçanha
Ai, ai, olá, quase fiquei louco
Quando vi que a coisa era feia
Dei um golpe de espada
E só vi sangue e areia.*

Max Nunes e Laércio Alves, comportados, entram no clima do “Último Tango em Paris” no carnaval de 1972: (1)

*Adiós muchachos, companheiros
Vou-me embora
Com a minha portenha querida
Vou dançar meu último tango
Dar uma de Marlon Brando.*

“Eles são jovens, apaixonados e matam pessoas”. A frase publicitária é do filme “Bonnie & Clyde - Uma rajada de balas”. Denis Lobo e Benil Santos acertam na mosca nos festejos de 69:

*Bonnie , Claide
Bandidos trinta anos atrás
Eram pilantras demais
Bonnie e sua boina preta
Claide e sua costeleta
Numa rajada de balas
Viraram Chicago de pernas pro ar.*

O belo musical “Um violinista no telhado”, baseado numa peça da Broadway emocionou em 1971. No carnaval de 1973 lá estava o sempre atilado João Roberto Kelly e Raquel:

*Israel, Israel
Uma canção, uma lágrima, Israel
Um violinista no telhado
Tocando a canção que vem do céu
Meu sentimento, minha saudade
Israel.*

O lendário Bandido da Luz Vermelha aterrorizava São Paulo na década de 60. Libertado em 97 o sociopata acabou assassinado. Suas peripécias

originaram um instigante e inovador filme de Rogério Sganzerla em 1968. O carnavalesco Conde dá-lhe uma dimensão nada aterradora:

*Eu faço tudo que me der na telha
Eu sou o homem da luz vermelha
O que eu quero é muitas mulheres
Todas elas de bom coração
E que me tragam buquês de rosas
O resto não tem confusão.*

Apesar de ter sofrido tentativa de desmistificação em biografia recente, não resta dúvida que Walt Disney, foi, para todos nós, em certa época, um mago sem mácula. João Roberto Kelly o lembra em “A Viagem”, de 1969:

*Sonhei que eu navegava
Sobre um mar de mel
Eu era o capitão
De um barco de papel
Gamei pela viagem
E nesta fantasia
Até papai Walt Disney
Com certeza viveria.*

De seus estúdios saiu uma série de filmes cujo protagonista era um irriquieto fusquinha. O primeiro em 1970 “Se meu Fusca Falasse” motivou duas músicas para o carnaval de 71. De João Roberto Kelly, Elzo Augusto e Leo Romano:

*Se meu fusca falasse
E contasse
Tim tim por tintim
Alguém lá em casa bronqueava
E tomava o fusquinha de mim
É ou não é
Se meu fusca falasse
Eu ficava a pé.*

De Carlos Chembra e Pires Ribeiro:

*Ai se meu fusca falasse
Eu não sei o que seria de você*

*Que está dando uma de boa
Sem me reconhecer.*

O grande lacrimejamento de 1965 teve como desencadeador “Dr. Jivago” com Omar Sharif e Julie Christie. Carlos Moraes junto com Castelo assume em “Um instante Maestro, Pára” de 69 o roubo de trecho do belíssimo tema de Lara e como foram flagrados pelo inquisidor Flávio Cavalcanti: (2)

*Eu fui ao carnaval lá em Moscou
Um frio de rachar
Jivago então gritou
Ô, ô, ô: música!
E foi assim que meu corpo esquentou.
Diz o Flávio Cavalcanti
“Um instante maestro, pára
“Que isso é plágio do tema de Lara.*

O erótico “O Bem Dotado Homem de Itu” não deu muito o que falar quando lançado em 1978. Mesmo assim o privilegiado varão foi lembrado na marcha de B. de Almeida, Muibo Curi e J. Batista em 1979:

*Lá vem, lá vem, o homem de Itu
Lá vem, lá vem, cuidado com ele
Que ele é doido pra chuchu
Esse homem é uma parada
Vira a cabeça da mulherada.*

Voltemos ao rol de astros da tela referendados no contexto carnavalesco. O *cult* Zé do Caixão foi lembrado por Rony Wanderley e B. Lobo em “Castelo dos Horrores”, em 1969:

*Eu moro no Castelo dos Horrores
Não tenho medo de assombração
Ô, ô, ô, eu sou o Zé do Caixão.*

A desabrida Leila Diniz serve de parâmetro para Carlos Cruz e Celso Teixeira em 1972:

*Se todo mundo apela
Também apelo
Leila Diniz apela*

Também apelo.

Cláudia Cardinale é convidada por Carlos Silva e Clemente Rodrigues em 66:

*Uma rosa para todos
E um ramo para o meu bem
Vem buscar a Cardinale
Para brincar também
Vem cá Cardinale, vem cá
Vem ver o nosso carnaval
Iê, iê, iê, iê
É uma coisa louca, infernal.*

A sensual Gina Lollobrigida foi musa decantada, apesar de Brigitte Bardot estar sempre a modiscar-lhe os calcanhares. Garcia Santos e A. Macedo elegeram-na em 1964: (3)

*No carnaval passado Brigitte
Você foi quem brilhou
No carnaval presente Brigitte
Quem vai brilhar é Lollô.
Lollô, Lollobrigida
Vem ver o carnaval
Eu quero ver sua fantasia
No salão do Municipal.*

J. Jr. e Oldemar Magalhães se mostram frustrados. Não lhes pertence a musa clonada das duas arrebatadores atrizes:

*De frente o cara da Lollô
De costas o jeito da Bardô
Faz da rua passarela
Que pena não ser dono dela.*

Como o carioca é capaz de dizer **disgusting** até para a rainha da Inglaterra, tinha que aparecer alguém do contra. Foi a nacionalista dupla Vicente Longo e Valdemar Camargo em 65:

*Receita para o bom carnaval
É a morena, produto nacional*

*Não é a Lollô nem a Bardô de Paris
Vem morena que faz meu carnaval feliz.*

A empatia dos compositores brasileiros, foi, sem dúvida, com uma francesinha que o cinema lançou em 1956: Brigitte Bardot. Tornou-se a deusa moderna dos prazeres sonhados, galvanizando os homens e provocando muxoxo nas mulheres. O Brasil ficou em estado de graça por algumas deferências conosco. Andou passando temporada em Búzios, namorou um jogador de basquete do Flamengo, gravou “Maria Ninguém”. No carnaval brilhou sem concorrentes. Em 1959 já era entronizada na vitrine carnavalesca por Haroldo Lobo e Milton de Oliveira:

*Que bom que eu vou ser papai
E papai vai ser vovô
Se for homem
Eu vou botar meu nome
Se for mulher vai ser Brigitte Bardot.*

Outro “cobra”, Miguel Gustavo pergunta o óbvio em 1961:

*Brigitte Bardot, Bardot
Brigitte, beijou, beijou
Lá dentro do cinema todo mundo se afobou
BB BB BB
Por que será que todo mundo
Olha tanto pra você?*

1963. Francisco Neto e José Roy estão dispostos a rastrear as andanças da musa:

*Cadê Brigitte, cadê Brigitte
Onde Brigitte estiver eu vou
Se Brigitte estiver em Roma
Em Paris, Miami, Honolulu
Quero Brigitte em Copacabana
De biquini boa pra chuchu.*

Amado Regis e Rangel Silva lhe pespegam em 1964 uma roupagem pouco edificante:

Você foi a mais graciosa

*Do strip-tease (?) mundial
Vem brincar comigo
Brigitte, o nosso carnaval.*

Continua em evidência e comparece ao “Casamento do Roberto” como anunciam Elzo Augusto e Analídia, já em 1968:

*Roberto Carlos vai casar
A Candinha me falou
Que o padrinho vai ser o Chacrinha
E a madrinha Brigitte Bardot.*

ADEREÇOS

1 - O Último Tango teve carreira polêmica. Mesmo o diretor sendo o italiano Bernardo Bertolucci, o filme foi proibido em seu país e outros. Ainda foi condenado a dois meses de prisão. A igreja inquietou-se. No Brasil levou sete anos para ser liberado. Inconformado Bertolucci comentou: “Quando o filme for mostrado em festivais, daqui a vinte anos, pensarão que foi feito para ser exibido em uma escola de freiras”. A atriz Maria Schneider esnobou Marlon Brando numa entrevista. Falou do difícil convívio durante as filmagens e - suprema ousadia - tratando-se de um símbolo sexual, classificou-o de mal dotado. A obra foi rotulada de antifeminista e antiamericana. Jornalistas tacanhos assim se manifestaram por ser o personagem um americano violento e vulgar.

2 - O livro no qual se baseou o filme tem a autoria do poeta russo Boris Pasternak. Foi agraciado com o Prêmio Nobel em 1958 mas não foi permitido que o recebesse. Um editor italiano conseguiu os manuscritos e retirou-os clandestinamente em 1957. Na Rússia só foi publicado em 1988 e o filme exibido em 1994. Sofia Loren foi preterida para o papel de Lara por ser muito corpulenta, apesar do seu marido Carlo Ponti ser o produtor.

3 - O carisma de Lollobrígida já até salvou vidas. Em 1997 o então ministro da Defesa sírio, Mustafa Tlas fez uma revelação surpreendente. Os soldados italianos da força multinacional de paz, em missão no Líbano em 1983, foram poupados dos ataques a pedido seu “de forma que nenhuma lágrima surgisse nos olhos de Gina Lollobrígida”.

FINAL DE BAILE

O leitor atento chega ao final deste livro concluindo que da década de 70 em diante a música carnavalesca tradicional, composta por sambas e marchas caiu no esquecimento. Na minha opinião os últimos sucessos foram “Bandeira Branca” e “Primeiro Clarim”. Ah, sim, temos a “Maria Sapatão” criada pelo Chacrinha, que no entanto só chegou aos salões catapultada pela TV.

Deve ter notado também a falta do samba-enredo. A omissão foi proposital. Apesar de algumas obras marcantes no gênero nos últimos anos, houve visível comercialização em detrimento da qualidade. A venda antecipada da gravação dos sambas rende uma fortuna, assim como as cotas de televisionamento. Os compositores mais antigos se afastaram ou foram excluídos do que se tornou uma verdadeira guerra. Cada obra agora é uma colcha de retalhos com quatro, cinco, seis autores. Achei, portanto dispensável sua contribuição neste livro.

Voltando ao declínio concordo com Edigar de Alencar que o maior responsável é a falta de divulgação. Aí entra o rolo compressor dos sambas-enredo, monopolizando a mídia. O interessante é que denodados compositores das canções carnavalescas tradicionais continuaram compondo. Cito Pedro Caetano, João Roberto Kelly, Braguinha. É só consultar álbuns de melodias das sociedades arrecadoras que eles lá estão resistindo. Porém não são tocados. É claro que há outros fatores menos relevantes que contribuíram para o estiolamento. Já se falou que a retirada dos bondes arrefeceu o carnaval de rua. A estatização também funciona muito pouco, assim como o carnaval para turista. Acabaram com a espontaneidade. Nos blocos, corsos e gritos patrocinados os músicos e os foliões participam entediados.

Redutos até então intransponíveis da pureza carioca como as gafieiras promovem noitadas de reggae, funk, rap e outros ritmos alienígenas. Esclareço que não tenho nenhum compromisso com o passado, repudiando tanto o saudosismo melancólico como também o modernismo discricionário. Músicas pífias existiram ontem e existem hoje. Só acho que as mais bem elaboradas não estão tendo hoje vitrine, o que desestimula os bons autores. No meu otimismo tenho certeza de ver ressurgir um carnaval onde todos lucrem tanto financeiramente como em encantamento e beleza.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Edigar de - Nosso Sinhô do Samba. Editora Civilização Brasileira: Rio, 1968.

ALENCAR, Edigar de - O Carnaval Carioca através da Música. Livraria Francisco Alves Editora: Rio, 1979.

ARAÚJO, Lauro Gomes de - Roberto Martins, uma legenda da música popular. Fundação Ubaldino do Amaral, 1995.

AUGUSTO, Sérgio - Este mundo é um pandeiro. Companhia das Letras: Rio, 1989.

BLANCO, Billy - Tirando de letra. Record: Rio, 1996.

BARBALHO, Gracio - O popular em 78 rotações. Fundação José Augusto: Natal, 1982.

BRYNER, Lima - A verdade sobre a FEB. Civilização Brasileira: Rio, 1968.

CABRAL, Sérgio - No tempo de Ari Barroso. Lumiar Editora: Rio.

CABRAL, Sérgio - Elizeth Cardoso, uma vida. Lumiar Editora: Rio.

CAETANO, Pedro - Meio século de música popular brasileira. Sociedade Gráfica Vida Doméstica: Rio, 1984.

CALDA, Klécio - Pelas esquinas do Rio. Civilização: Rio, 1994.

CORREIA, Viriato - Terra de Santa Cruz. Tecnoprint Gráfica. Sd.

DIDIER, Carlos - Noel Rosa, uma biografia. Fundação Universidade de Brasília, 1990.

DAHS, Helmut - A Segunda Guerra Mundial. Bruguera, 1968.

Enciclopédia da Música Brasileira. Art Editora: São Paulo, 1977.

ENEIDA - História do carnaval carioca. Editora Civilização Brasileira: Rio, 1958.

FONSECA, Gondim da - A vida de José Bonifácio. Fulgor: São Paulo, 1963.

GRIECCO, Agripino - Disparates. Editora Conquista: Rio, 1968.

GUILLEMINAULT, Gilbert - La belle époque. Edition Denoel: Paris, 1958.

GRIMBERG, Carl - História Universal. Publicações Europa - América: Portugal, 1940.

JR., Abel Cardoso - Carmem Miranda. Edição do Autor, 1978.

LIRA, Marisa - Brasil sonoro. Editora A Noite. S/d.

MÁXIMO, João - Noel Rosa, uma biografia. Fundação Universidade de Brasília, 1990.

NORBERTO, Natalício - Herivelto Martins: Uma escola de samba. Ensaio Editora: Rio, 1992.

RIBEIRO, Maria de Lurdes Borges. Na trilha da independência. MEC: Rio, 1972.

RUIZ, Roberto - Aracy Cortes. Funarte, 1984.

SADOUL, Georges - História do cinema mundial. Martins Editora: São Paulo, 1963.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Feliz 1958. Editora Record: Rio/São Paulo, 1997.

SUSSEKIND, Flora - As revistas do ano. Nova Fronteira: Rio, 1986.

TINHORÃO, José Ramos - Música popular, teatro e cinema. Editora Vozes, 1972.

VALENÇA, Suetônio - Tra lá lá. Funarte, 1981.

VASCONCELOS, Ary - Panorama da música popular brasileira. Martins Editora: Rio, 1964.

VELOSO, Caetano - Verdade tropical. Companhia da Letras: São Paulo, 1997.

VERNILLAT, Franco - Dictionnaire de la chanson française. Larrouse: Paris, 1968.

VIEIRA, Jonas - Herivelto Martins: uma escola de samba. Ensaio: Rio, 1992.